



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA**

RAÍSSA MORATO DUARTE

**DESENVOLVIMENTO INICIAL DA LINGUAGEM DE CRIANÇAS DE 12 A 24
MESES DE IDADE E O PAPEL DOS PAIS - UMA PROPOSTA DE RASTREIO
BASEADO EM UMA REVISÃO DE LITERATURA**

CAMPINAS

2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA**

RAÍSSA MORATO DUARTE (RA: 19309905)

**DESENVOLVIMENTO INICIAL DA LINGUAGEM DE CRIANÇAS DE 12 A 24
MESES DE IDADE E O PAPEL DOS PAIS - UMA PROPOSTA DE RASTREIO
BASEADO EM UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca de defesa da
Faculdade de Fonoaudiologia,
Escola de Ciências da Vida, da
Pontifícia Universidade Católica
de Campinas como exigência
parcial para obtenção de Título em
Bacharel em Fonoaudiologia

**Orientadora: Prof^a. Dra. Letícia
Reis Borges Ifanger**

CAMPINAS

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA

Autor: DUARTE, R. M.

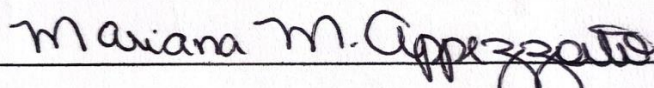
Título: Desenvolvimento Inicial da Linguagem de Crianças de 12 a 24 meses de idade e o papel dos pais - Uma Proposta de rastreio baseado em uma revisão de literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 10 de junho de 2024 à banca examinadora:



Profa. Dra. Leticia Reis Borges Ifanger
Orientadora e presidente da comissão
examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Fga. Dra. Mariana Martins Appezato

CAMPINAS
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Duarte, Raíssa Morato

Dundefined Desenvolvimento Inicial da Linguagem de crianças de 12 a 24 meses e o papel dos pais : Uma proposta de rastreio baseado em uma revisão de literatura / Raíssa Morato Duarte. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.

94 v.

Orientador: Letícia Reis Borges Ifanger.

TCC (Bacharelado em Fonoaudiologia) - Faculdade de Fonoaudiologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Fonoaudiologia . 2. Linguagem . 3. Proposta de Rastreio. I. Ifanger, Letícia Reis Borges. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Faculdade de Fonoaudiologia. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à Deus por toda proteção e por ser meu lugar de conforto em momentos difíceis.

Agradeço à minha mãe Renata por ter me criado e por sempre ter me incentivado a ser a melhor versão de mim mesma todos os dias, por ter me apoiado em minhas decisões e por ter me apoiado durante todo o processo da graduação.

Agradeço meu pai Maurício por todo o apoio durante o processo da graduação e por ter me apoiado, também, em minhas decisões e evolução.

Agradeço meu irmão Yuri por todas as risadas, momentos de descontração, apoio e auxílio na elaboração dos gráficos contidos neste TCC e por ser meu modelo de vida.

Agradeço uma grande amiga Ana Paula por sempre me aconselhar e me auxiliar a enxergar a melhor versão de mim mesma.

Agradeço às professoras desta graduação por sempre darem o melhor de si e por terem me ensinado e me auxiliado sobre o mundo da Fonoaudiologia nestes 4 anos da graduação.

Agradeço à minha orientadora Letícia por me auxiliar na elaboração deste trabalho, estando sempre atenta aonde a pesquisa poderia ser melhorada e melhor elaborada.

Agradeço à minha banca, Fga. Mariana por ter aceitado o convite de participar da banca e por ter dado tanta atenção ao meu trabalho, obrigada por ser uma grande inspiração para mim.

Por fim, agradeço aos meus pacientes dos estágios obrigatórios da graduação por terem feito parte da minha história e por terem me mostrado como a Fonoaudiologia muda vidas, agradeço pela confiança de seus pais depositadas em mim e por terem me ensinado tanto enquanto estivemos juntos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de graduação à minha família por todo o apoio durante esse processo da graduação.

EPIGRAFE

"Palavras são, na minha mais humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los"

- Livro Harry Potter

RESUMO

Introdução: O desenvolvimento da linguagem se dá desde a infância e perpetua até a vida adulta e, a partir deste conhecimento, sabe-se que as habilidades comunicativas efetivas e eficientes compõem o ponto central para o desenvolvimento do indivíduo e sua inserção na sociedade. Caso haja alguma suspeita de alguma alteração de linguagem, é necessária uma avaliação fonoaudiológica para identificação e, se necessário, posterior tratamento e/ou reabilitação da alteração encontrada

Objetivo: Analisar o desenvolvimento inicial de linguagem de crianças de 12 a 24 meses e o papel dos pais neste desenvolvimento baseado em uma revisão de literatura, propondo, desta forma um instrumento que avalie esses aspectos.

Métodos: Trata-se de uma revisão de literatura, de caráter descritivo, realizada a partir da análise de artigos científicos originais em português e em inglês. A busca das publicações foi realizada nas bases de dados LILACS e Scielo, através da utilização dos descritores em saúde “Desenvolvimento da Linguagem” e “Linguagem Oral” como principais, combinados com os demais, sendo esses “Transtornos de Linguagem” e “Atuação Fonoaudiológica na Linguagem”, por meio do operador booleano “and”, aspas e “not”. Foi utilizado teste de relevância para verificar se os artigos encontrados atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos, bem como se estavam dentro dos objetivos da pesquisa

Resultados: Levando-se em a análise de 42 artigos utilizados, quanto ao tipo de artigo notou-se maior prevalência de artigos do tipo Artigo Original, representando 79% dos artigos encontrados. Quanto à revista de publicação, observou-se maior prevalência de publicações na Revista CEFAC, representando 33% dos artigos encontrados. Quanto à temática abordada nos artigos, verificou-se uma maior prevalência da temática de fatores de risco para distúrbios no desenvolvimento da linguagem e distúrbios da linguagem, com 16% dos artigos encontrados. Quanto aos protocolos utilizados/citados nos artigos, observa-se uma maior prevalência do Protocolo ABFW, com 21%. Quanto ao desenvolvimento gestual e das aquisições de linguagem dos bebês, verificou-se uma alta prevalência de artigos sobre o desenvolvimento da linguagem, seguido de artigos sobre o desenvolvimento gestual e aquisição de linguagem.

Conclusão: O instrumento pode ser benéfico no auxílio aos fonoaudiólogos em realizar a identificação e a intervenção nos distúrbios de linguagem de forma precoce.

Palavras-Chave: Fonoaudiologia; Desenvolvimento da Linguagem; Rastreio; Papel dos Pais no Desenvolvimento da Linguagem

ABSTRACT

Introduction: The language development occurs from childhood and continues into adulthood and, based on this knowledge, it is known that effective and efficient communicative skills are the central point for the individual's development and insertion into society. If there is any suspicion of any language pathology, a speech-language pathology assessment is necessary to identify and, if seen as necessary, a subsequent treatment and/or rehabilitation of the pathology found.

Objective: Analyze the initial language development of children aged 12 to 24 months and the role of parents on this development based on a literature review, thus proposing an instrument that evaluates these aspects.

Methods: This is a descriptive literature review, carried out based on the analysis of original scientific articles in Portuguese and English. The search for publications was carried out in the LILACS and Scielo databases, using health descriptors "Language Development" and "Oral Language" as the main ones, combined with others, these being "Language Disorders" and "Speech Therapy Performance in Language", through the Boolean operators "AND", quotation marks and "NOT". A relevance test was used to check whether the articles found met the established inclusion criteria, as well as whether they were within the research objectives.

Results: Considering the analysis of 42 articles used, regarding the type of article, a higher prevalence of articles of the Original Article type was noted, representing 79% of the articles found. As for the publication magazine, there was a higher prevalence of publications in the CEFAC Magazine, representing 33% of the articles found. Regarding the topic covered in the articles, there was a greater prevalence of the topic of risk factors for language development disorders and language disorders, with 16% of the articles found. Regarding the protocols used/cited in the articles, there is a higher prevalence of the ABFW Protocol, with 21%. Regarding the gestural development and language acquisition of babies, there was a high prevalence of articles on language development, followed by articles on gestural development and language acquisition

Conclusion: The instrument can be beneficial in helping speech therapists in identifying and in the rehabilitation in language disorders on early ages.

Key Words: Speech Therapy; Language Development; Tracking; Role of Par
in Language Development

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Marcos do Desenvolvimento de Linguagem 12 - 24 meses.....	30
QUADRO 2. Lista de Artigos utilizados para Revisão de Literatura.....	60
QUADRO 3. Relação tipo de artigo e porcentagem de artigos encontrados.....	70
QUADRO 4. Relação temas abordados e porcentagem de artigos encontrados.....	72
QUADRO 5. Porcentagem de citação de linguagem oral e gestos infantis nos artigos encontrados.....	73

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Porcentagem de artigos conforme revista de publicação.....	70
GRÁFICO 2. Porcentagem de protocolos citados/utilizados nos artigos encontrados.....	75

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Processo de Desenvolvimento da Pesquisa.....	60
FIGURA 2. Ficha de Identificação e Anamnese.....	77
FIGURA 3. Ficha de Identificação e Anamnese.....	78
FIGURA 4. Ficha de Identificação e Anamnese.....	79
FIGURA 5. Desenvolvimento da Linguagem de 12 a 15 meses.....	80
FIGURA 6. Desenvolvimento da Linguagem de 16 a 19 meses.....	81
FIGURA 7. Desenvolvimento da Linguagem de 20 a 24 meses.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS

- ADL:** Protocolo de Avaliação e Desenvolvimento da Linguagem
- AFC:** Avaliação Fonológica da Criança
- ASHA:** American Speech-Language-Hearing
- ECERS-R:** Early Childhood Environment Rating Scale - Revised
- ELM:** Escala de Aquisições Iniciais de Fala e Linguagem
- CV:** Consoante - Vogal
- CVC:** Consoante - Vogal - Consoante
- CVCV:** Consoante - Vogal - Consoante - Vogal
- LAVE:** Lista de Avaliação de Vocabulário Expressivo
- PLS - 4:** Preschool Language Scale - Fourth Edition
- PROC:** Protocolo de Observação Comportamental
- PTCF:** Protocolo de Avaliação das Habilidades de Consciência Fonológica
- TDAH:** Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
- TEA:** Transtorno do Espectro do Autismo
- TELD - 3:** Test of Early Language
- TERDAF:** Teste de rastreamento de alterações de fala para crianças
- TVIP:** Teste de Vocabulário por Imagens Peabody

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1. Comunicação Humana.....	19
2.2. Aquisição da Linguagem Infantil.....	20
2.2.1. Teorias da Aquisição de Linguagem.....	22
2.2.2. Subsistemas de Linguagem.....	26
2.3. Desenvolvimento da Linguagem Oral de 12 a 24 meses.....	28
2.3.1. Desenvolvimento Gestual Infantil.....	34
2.3.2. Desenvolvimento da Brincadeira Simbólica.....	40
2.4. Fatores de Risco para Distúrbios no Desenvolvimento da Linguagem.....	43
2.5. Fonoaudiologia e Linguagem.....	47
2.5.1. Avaliação Fonoaudiológica de Linguagem.....	49
2.5.2. Reabilitação e Terapia Fonoaudiológica na Linguagem.....	50
2.6. Papel dos Pais no Desenvolvimento da Linguagem.....	55
3. OBJETIVOS.....	57
3.1. Objetivo Geral.....	57
3.2. Objetivos Específicos.....	57
4. METODOLOGIA.....	58
4.1. Materiais.....	58
4.2. Procedimentos.....	59
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	70
6. APRESENTAÇÃO DO PROTOCOLO.....	77
7. CONCLUSÃO.....	84
8. REFERÊNCIAS.....	85

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem se dá desde a infância e perpetua até a vida adulta. A Linguagem é o campo da Fonoaudiologia que é voltada para o estudo, pesquisa, promoção, prevenção, avaliação, diagnóstico e tratamento de transtornos a ela relacionados, a fim de garantir e otimizar o uso das habilidades de linguagem do indivíduo, objetivando a comunicação e garantindo bem-estar e inclusão social (CFFa, 2007).

Conforme descrito por Perissinoto e Avilla (2014), as habilidades comunicativas efetivas e eficientes compõem o ponto central para o desenvolvimento do indivíduo e sua inserção na sociedade, seja ele criança, adolescente ou adulto (ZORZI E HAGE, 2004; PERISSINOTO E AVILLA, 2014). No desenvolvimento da linguagem, é de conhecimento geral que existem alguns fatores básicos para sua aquisição, como a adequação das estimulações ambientais, o tipo de linguagem utilizado pela família da criança, fatores sócio-econômicos e instrução escolar; além destes fatores, França e Lima (2018) descrevem que a aquisição da linguagem também depende de uma condição neurobiológica, de um adequado avanço de todas as estruturas cerebrais, de uma gestação e parto sem intercorrências e da interação social. Portanto, pode-se afirmar que a linguagem ocorre a partir de uma interação de fatores biológicos e ambientais.

A construção do conhecimento e da linguagem resulta de uma interação em que, por meio de trocas entre o sujeito (no caso, a criança) e o meio que este vive e convive, a inteligência se estrutura e atinge os níveis mais elevados de organização. Logo, a linguagem e a inteligência apresentam-se como realidades sociais, que vão se construindo progressivamente, ao longo da vida do sujeito (ZORZI, 2002).

Considerando todo o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, é necessário que, caso haja a suspeita de alguma alteração, seja realizada uma avaliação da linguagem. Giacheti (2014), descreve que uma avaliação constitui uma etapa do processo diagnóstico que, em qualquer área da saúde, reflete identificar ou reconhecer uma anormalidade, um distúrbio ou um transtorno pela análise dos sintomas presentes ou ausentes; portanto, alterações nesse processo de desenvolvimento da comunicação afetam não somente a inserção social da criança e do adolescente como seu aprendizado

escolar e, em indivíduos adultos, sua integração na vida profissional, sendo que tais transtornos são descritos como barreiras em diferentes fases da vida humana.

Pessoas com problemas de comunicação, tanto em sua expressão quanto na sua compreensão, podem apresentar dificuldades em sua integração social e profissional (PERISSINOTO E AVILLA, 2014; GIACHETI, 2014). Assim, qualquer que seja o modelo utilizado, a avaliação da linguagem infantil significa, de uma forma geral, medir o processo de desenvolvimento dessa competência e, dessa maneira, identificar o distúrbio (BEFI-LOPES, 2017).

Segundo França e Lima (2018), a avaliação da linguagem ocorre por meio de protocolos que permitem a verificação das habilidades específicas da linguagem, níveis linguísticos, e além disso, oferecem parâmetros quanto ao desempenho esperado para cada faixa etária, por isso, o fonoaudiólogo deve ter conhecimento sobre o desenvolvimento típico da linguagem e sobre seus respectivos distúrbios, a fim de selecionar os protocolos mais adequados para cada caso, e respeitar as faixas etárias indicadas de cada protocolo.

Portanto, levando tais fatos em consideração e frente à identificação com a área de atuação na linguagem, a escassez de materiais e de instrumentos de rastreio práticos que possam fornecer informações acerca do processo de desenvolvimento e aquisição inicial da linguagem nas crianças com faixa etária de 12 a 24 meses e a necessidade dos pais em saberem mais sobre o desenvolvimento da linguagem e quais marcos são esperados dentro desta faixa etária para que possam ser capazes de identificar alterações, o objetivo do presente trabalho foi construir um inventário de rastreio das aquisições iniciais de linguagem de 12 a 24 meses segundo a ótica parental baseado em uma revisão de literatura.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Comunicação Humana

A comunicação se trata de uma troca de informação e um fato social, visto que, dentre todos os animais que se comunicam, somente os seres humanos possuem um código tão complexo como é a linguagem. Portanto, a comunicação humana compreende a capacidade de codificação e decodificação do sistema escrito e falado de uma determinada língua por meio das habilidades linguísticas, motoras e auditivas (PUYUELO, 2007; GOULART E OENNING, 2016)

Conforme descrito por Avendano *et.al.* (2020), a comunicação é inerente ao ser humano e, na área da saúde, a comunicação é um componente que sempre esteve presente, também sendo compreendida como uma prática advinda da interação, expressada por aspectos verbais e não verbais, escrita, gestos, entre outros. Segundo Goulart e Chiari (2012), a comunicação apresenta características que podem ser observadas durante toda a vida e o domínio das habilidades de comunicação influencia diretamente na relação do indivíduo com o meio o qual está inserido. Puyuelo (2007) e por Ferigollo e Kessler (2017), descrevem que quando ocorrem dificuldades e/ou distúrbios na comunicação, além de criar problemas pessoais, educacionais, sociais, profissionais e ocupacionais, este distúrbio muito possivelmente estará relacionado com os aspectos socioculturais e demográficos, sendo que esses dados e este histórico devem ser levados em consideração no momento do diagnóstico e no levantamento de informações a respeito do indivíduo atendido.

De modo geral, a comunicação se refere ao ato de expressar sentimentos, desejos e experiências, sendo que a Fala e a Linguagem fazem parte de um processo amplo e a comunicação é a primeira função da linguagem e é entendida como o processo ativo em que os participantes trocam ideias, necessidades e desejos. A linguagem desempenha um importante papel na organização, recepção e estruturação das informações, além de influenciar na aprendizagem e na interação social (PUYUELO, 2007; FERIGOLLO E KESSLER, 2017).

Portanto, estudar a linguagem também requer entender o processo de aquisição da linguagem infantil e como este se dá.

2.2. Aquisição da Linguagem Infantil

A aquisição da linguagem se inicia muito antes de o bebê falar suas primeiras palavras, principalmente quando se considera que a fala não é o sinônimo de linguagem, mas sim um produto desta.

Pode-se definir a linguagem como um sistema de comunicação no qual existe um significante e um significado, sendo que, nos seres humanos, ela é bastante complexa e nos permite operar tanto com conceitos simples quanto com os abstratos. A fala, portanto, é o ato motor de fonar sons em sequências reconhecíveis como palavras e a palavra é justamente a soma entre significado e significante, ou seja, ela tem um sentido e uma forma, uma materialidade reconhecível, seja esta sonora (sequência de sons) ou escrita (sequência de letras). Portanto, diversos autores definem que o caráter multimodal da comunicação oral faz parte do diálogo entre os interlocutores e, nessa perspectiva, a linguagem só é possível em um contexto de prática dialógica, levando em consideração todo o contexto comunicativo e, ao longo do processo de aquisição da linguagem, vale ressaltar que existe uma relação intrínseca entre a aquisição da mesma e fatores biológicos e sociais (TRENTINI, 2018; NOGUEIRA E SILVA, 2022).

Segundo Dainez *et.al.* (2022), o recurso disponível no início da vida para satisfazer as necessidades do bebê é a interação com outro ser humano e, por esse motivo, diversos autores contribuem na explicação de que incluir a dimensão social e interacional no quadro explicativo da aquisição de linguagem é necessário. Os autores ainda afirmam que as primeiras formas de ação, seus primeiros sons, possuem intenção e expressão, possuem função comunicacional e emocional na interpretação da mãe que confere valor, sentido, significado e forma. Neste contexto, até mesmo antes do nascimento, a criança já é falada pelo outro que também se comunica com ela e, desta forma, a criança participa em escuta ativa e aos poucos vai se confrontando com os usos da linguagem utilizando-se de fragmentos do discurso do interlocutor inicial (sendo que estes geralmente são os pais) modificando-o em partes ou por completo.

Para a expressão da linguagem, a fala se trata do meio primário e, neste contexto, a fala serve como o aparato através do qual a linguagem é aprendida e usada; logo, o que a criança aprende sobre a linguagem vem, em sua maioria, através da percepção das configurações dos sons da língua no meio ambiente

ou dos pais e, levando estes fatores em conta, o que a criança aprende na expressão linguística é a capacidade de produzir réplicas que sejam satisfatórias dessas configurações sonoras através da regulamentação apropriada do aparato da fala, ou seja, do aparelho vocal e o sistema fonatório-pulmonar, sendo que ambos os aspectos estão interligados na capacidade fonológica.

A postulação de diversos estudiosos de que o processo de aquisição e desenvolvimento das competências linguísticas ocorre a partir da interação entre os aspectos neurobiológicos e ambientais sustenta a conceituação de que a linguagem pode ser entendida como uma função cortical superior que é estruturada cognitivamente se levado em conta as condições anatomofuncionais de base genética e, socialmente, mediante a contínua interação da criança com o meio que a cerca; portanto, tanto a percepção quanto a produção da fala são examinadas em termos de etologia ou, em outras palavras, estudo biológico do comportamento (KENT, 1996; DA CRUZ *et.al.*, 2022).

A aquisição da linguagem consiste em aprender a colocar em prática os elementos construtivos da língua (o chamado Léxico), assim como as suas regras de combinação (a chamada Morfossintaxe) e, ao mesmo tempo, aprender quais formas linguísticas devem ser utilizadas para que seja possível construir uma mensagem adaptada à um interlocutor, às regras sociais e a um objetivo comunicativo sendo que esta adequação das formas aos objetivos do ato comunicativo se refere, de forma particular, aos aspectos pragmáticos da linguagem.

Portanto, para explicar a aquisição da linguagem ou o seu uso, é necessário se referir aos contextos de seu desenvolvimento e a linguagem como um comportamento comunicativo e esta não pode ser explicada excluindo o contexto familiar, social, escolar e do trabalho do indivíduo pois a comunicação é uma troca de informação e um fato social. Deste modo, a criança deve, adquirir os conhecimentos linguísticos e, ao mesmo tempo, adquirir as regras complexas de seu uso social e esta evolução pode ser expressa em termos de uma aquisição progressiva de um conjunto de comportamentos linguísticos (como narrar, argumentar, descrever, etc) que vão se diversificar a partir do exemplo que constitui o comportamento de diálogo adquirido, sendo que tal transição se faz pouco a pouco sob a influência de fatores exógenos, nas interações com o ambiente, e endógenos, a partir do tratamento das informações recebidas pela

criança que provocam reorganizações de suas representações (RONDAL *et.al.*, 2007; PUYUELO, 2007).

Para além do entendimento do que se trata a aquisição da linguagem, diversos estudos apontam as principais teorias que explicam como esta aquisição se dá. Os principais estudos e teorias estarão expostos e esclarecidos abaixo.

2.2.1. Teorias da Aquisição da Linguagem

Conforme descrito por Brito e Brito (2017) e Trentini (2018) ao longo dos anos diversos estudiosos apresentaram à comunidade científica algumas explicações ou teorias que abordavam o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, portanto, existem diversas correntes que buscam, dentro de suas teorias, explicar como a aquisição de linguagem é possível e como a mesma se dá. De modo geral, os estudos acerca das teorias de aquisição e desenvolvimento da linguagem podem ser sintetizados em quatro grandes grupos: Empirismo, Inatismo, Dialética e Interacionismo (BRITTO E BRITTO, 2017; TRENTINI, 2018).

- 1) Teoria Comportamental do Behaviorismo:** Difundida a partir da publicação de Skinner "Verbal Behavior" em 1957, a mesma é baseada nas ideias de John B. Watson, que defendia que todo o comportamento é aprendido e pode ser modificado. Nesta teoria o conhecimento está no objeto, partindo do pressuposto de que a linguagem é um comportamento e que, como tal, pode ser aprendida e pode ser modificada; neste contexto, Skinner a partir de seus estudos descobriu que um organismo tenderá a repetir uma resposta que foi reforçada por consequências desejáveis e suprimir uma resposta que foi "punida". Essa teoria se baseia principalmente na repetição e no reforço, sendo este último um estímulo que aumenta a probabilidade de ocorrência do evento. Em relação à linguagem, essa teoria defende a ideia de que os pais são os provedores de modelos e realizam reforços e inibições (estímulo que decresce a probabilidade de ocorrência do evento) que possibilitam à criança evoluir desde os diversos sons produzidos a partir do nascimento até a linguagem organizada em forma e nível de discurso, ou seja, a criança adquire a linguagem ou o comportamento verbal quando as produções vocais

apropriadas são mantidas e as produções não reforçadas deixam de ser utilizadas pela criança que, dessa forma, adquire o comportamento vocal equivalente aos demais falantes de língua e comunidade; em outras palavras, o processo de aquisição da linguagem sob esta ótica pode ser resumido da seguinte forma: Linguagem é o resultado do modelo somado à imitação, prática e/ou repetição e ao reforço seletivo. Estudiosos que seguem essa linha teórica supõem que os comportamentos não são nada mais do que reflexos a um estímulo ou uma consequência de determinados reforços ou punições recebidas ao longo da história pessoal do indivíduo. De modo geral, o Behaviorismo é uma teoria da aprendizagem que enfatiza o papel previsível do ambiente como a causa do comportamento observável, ou seja, concentra-se na aprendizagem associativa, quando um vínculo mental é formado entre 2 eventos. (BRITTO E BRITTO, 2017; PAPALIA E FELDMAN, 2013)

- 2) **Teoria Inatista de Chomsky:** define e aborda a linguagem como uma faculdade e não como um comportamento. Chomsky afirma que a observação, a imitação e o reforço contribuem para o desenvolvimento da linguagem, mas, não podem explicá-lo por completo; o Inatismo enfatiza o papel ativo daquele que aprende e, como a língua é universal nos seres humanos, Chomsky propõe que o cérebro humano tem uma capacidade inata para adquirir a linguagem e os bebês aprendem a falar tão naturalmente quanto aprendem a andar, sugerindo que um dispositivo de aquisição da linguagem "programa" o cérebro da criança para analisar a língua que ela ouve e a inferir suas regras. Nesta corrente, o conhecimento da linguagem seria inerente à mente humana, onde a mesma já vem pré-programada no cérebro humano da mesma forma que já vem pré-programado em nosso sistema imunológico os anticorpos para defesa do nosso corpo (BRITTO E BRITTO, 2017; PAPALIA E FELDMAN, 2013)
- 3) **Teoria Construtivista de Piaget ou Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget:** Esta corrente parte do pressuposto de que a mente e o corpo não funcionam de forma independente um do outro e a atividade mental se submete às mesmas leis que governam a

atividade biológica. Logo, o conhecimento é construído pelo sujeito a partir do contato dele com o objeto que, no caso, é a língua; neste cenário, a criança seria encarregada de construir seu conhecimento sobre ele (o objeto língua), sendo capaz de refutar ou validar as hipóteses que surgem desse encontro. Segundo Piaget, o desenvolvimento cognitivo infantil é um processo de adaptação e organização do meio em que a criança vive e, no decorrer do desenvolvimento, a criança se organiza e organiza o próprio meio se adaptando sendo que, para isso, a mesma constrói os chamados “esquemas” que se trata de estruturas mentais ou cognitivas pelas quais os indivíduos se adaptam e organizam o meio. Piaget propôs que o desenvolvimento cognitivo começa com uma capacidade inata de se adaptar ao ambiente. Considerando a ótica desta teoria, quando a criança ouve palavras e observa o contexto, surgem hipóteses que ela valida ou refuta até inferir a que aquela palavra se refere, sendo que tal processo é descrito por Piaget como ambiente à desequilíbrio à adaptação à assimilação à acomodação. Neste caso, o conhecimento acontece mediante o encontro entre o sujeito e o objeto, sendo que todo e qualquer conhecimento é uma construção resultante das ações da criança no meio que resultam no desenvolvimento dos esquemas (BRITTO E BRITTO, 2017; PAPALIA E FELDMAN, 2013);

- 4) Teoria Socioconstrutivista de Vygotsky ou Teoria Interacionista de Vygotsky:** Vygotsky infere que o pensamento e a linguagem possuem origens genéticas diferentes e curvas de desenvolvimento distintas que irão, eventualmente, se encontrar e separar diversas vezes ao longo do desenvolvimento infantil. O autor também afirma que a linguagem da criança se desenvolve a partir das relações dialógicas assimétricas que a criança está exposta desde o nascimento, ou seja, a aquisição da linguagem é tida como uma construção social e um produto da imersão de uma criança em uma cultura e as relações interativas com os pais são de fundamental importância para a aquisição e desenvolvimento da mesma, já que o adulto mediador irá proporcionar à criança situações nas quais ela pode se apropriar de conceitos e palavras que anteriormente eram

desconhecidas; segundo Vygotsky a criança reconstrói uma atividade a partir de processos interativos e, portanto, entende-se que um sujeito se forma quando entra em contato com uma sociedade; para Vygotsky, portanto, o adulto ou os colegas mais desenvolvidos devem ajudar a direcionar e organizar a aprendizagem da criança antes que esta possa dominá-la e internalizá-la. (BRITTO E BRITTO, 2017; PAPALIA E FELDMAN, 2013);

- 5) Neurocognitivismo:** Lorandi *et.al.* (2012) descreve que a autora Karmiloff-Smith se preocupa com uma abordagem desenvolvimental, que torne a trajetória do desenvolvimento em si como sendo altamente fundamental para o entendimento dos processos mentais subjacentes ao próprio desenvolvimento. Logo, o primeiro aspecto que chama a atenção nesta teoria é o fato de a mesma conjugar aspectos de uma pré-disposição de domínio específico a processos de domínio geral ao explicar o desenvolvimento da linguagem, defendendo uma perspectiva de que uma pré-disposição de domínio relevante em que as estruturas especializadas em determinadas funções cerebrais são mais relevantes para o processamento da linguagem e, por este motivo, acabam especializando-se em seu processamento. Karmiloff-Smith define 4 níveis de representação mental em seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo, sendo estes 1 implícito e 3 explícitos, sendo que a cada nível, a informação torna-se mais flexível e disponível para o acesso à consciência. Para a autora, da perspectiva da mente da criança, um domínio seria um conjunto de representações que sustentam uma determinada área de conhecimento (neste caso, a linguagem), sendo que também existem microdomínios, como, por exemplo, a aquisição de pronomes, os quais podem ser pensados como um subconjunto dentro do domínio específico da linguagem, enquanto o módulo consiste em uma unidade de processamento de uma informação que encapsula o conhecimento e a sua computação. Logo, dentro destes pressupostos, a autora afirma que este processo de representação em 4 níveis é independente da idade, pois ocorre ciclicamente em um determinado microdomínio em qualquer idade da vida, também sendo importante ressaltar que as informações

presentes em outros níveis permanecem também nesses níveis, permitindo que uma criança acesse dados conscientemente.

Ao considerar as diferentes teorias acerca de como ocorre o processo de aquisição de linguagem, pode-se concluir que todas contribuem para uma melhor compreensão deste processo e, ao refletir, parte-se do pressuposto de que tanto o processo de aquisição de linguagem quanto o desenvolvimento da mesma ocorre a partir da interação de fatores intrínsecos, como o maturacional e genético ou adquiridos por mudanças neurodesenvolvimentais, e extrínsecos, como a interação, o meio social e os inputs ambientais. De forma geral, a interação social é necessária para o desenvolvimento de diversas habilidades interativas, porém outros fatores podem ser considerados, como as condições orgânicas e sociais que também contribuem para o desenvolvimento de tais habilidades (BRITTO E BRITTO, 2017; TRENTINI, 2018).

Tais conhecimentos acerca das teorias de aquisição da linguagem constroem a base para o entendimento do desenvolvimento da linguagem como um todo, sendo dado um enfoque para os subsistemas de linguagem que possuímos e a intrínseca relação entre estes que contribuem para o desenvolvimento da linguagem oral.

2.2.2. Subsistemas de Linguagem

Conforme descrito por Souza, Dourado e Lemos (2015), a linguagem é uma função cortical que está organizada em subsistemas linguísticos que apresentam relação entre si. Segundo Kaminski, Mota e Cielo (2011), os 5 subsistemas linguísticos compreendidos pela linguagem são: Pragmático, Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico. Rondal *et.al.* (2007) ressalta que cada subsistema possui uma certa autonomia em relação a outros subsistemas.

Quanto ao Subsistema Fonológico, o mesmo apresenta apenas elementos com significantes e refere-se ao modo de organização e funcionamento dos sons da língua denominados fonemas, que é a menor unidade linguística, sendo um som representativo mais simples e singular das línguas; de modo geral, a Fonologia é um componente da linguagem que gerencia o repertório de fonemas o organiza a maneira que serão produzidos sendo que, no processo de aquisição normal da linguagem, o domínio dos fonemas da língua alvo ocorre de forma espontânea, em uma sequência e faixa

etária de quatro a seis anos de idade, comum à maioria das crianças (SOUZA, DOURADO E LEMOS, 2015; KAMINSKI, MOTA E CIELO, 2011).

Rondal *et.al.* (2007) descreve que os aspectos semânticos, ou seja, aspectos léxicos e estruturais da linguagem dependem mais dos sistemas conceituais da mente do que dos aspectos fonológicos e morfossintáticos. O subsistema morfológico inclui elementos léxicos (ou palavras) da língua que constitui o léxico (ou vocabulário) desta e o subsistema sintático diz respeito à realização das estruturas de significado complexo, mediante a formação de sequências organizadas de lexemas (termo este usado para referir-se à unidade distintiva mínima no sistema semântico de uma língua).

O subsistema Pragmático reagrupa uma série de subfunções que têm a intenção de agir sobre o interlocutor ou influenciá-lo. A pragmática se refere ao ramo da linguística que estuda a relação entre o significado social da linguagem e seu conteúdo semântico, referindo-se ao uso efetivo da linguagem e à todos os seus propósitos funcionais da comunicação e, para isso, apoia-se nos diferentes significados intrínsecos aos processos comunicativos determinados pelas informações externas à linguística e pelas mensagens linguísticas. De modo geral, o estudo da pragmática relaciona os aspectos fonológicos, semânticos e sintáticos da fala com o contexto no qual esta ocorre, explicando seus diferentes usos (RONDAL *et.al.*, 2007; SAVOLDI *et.al.*, 2014).

Portanto, sabendo da estruturação dos subsistemas de linguagem e a intrínseca relação entre estes para o desenvolvimento da linguagem, abaixo estarão expostos os principais marcos da linguagem, com enfoque específico no desenvolvimento da linguagem de 12 a 24 meses.

2.3. Desenvolvimento da Linguagem Oral de 12 a 24 meses

Segundo Britto e Britto (2017), a linguagem é uma faculdade humana e com função simbólica, sendo influenciada pelo processo de desenvolvimento do conhecimento e parte da capacidade de representação; logo, a linguagem é uma habilidade previamente existente e, associada à um processo maturacional e sob controle genético, seu desenvolvimento é sensível aos inputs ambientais, estando influenciado pela estimulação e pelo desenvolvimento de outras funções, como a atenção, a memória, a percepção, a inteligência, a cognição e a audição.

Martins, Franco e Caldana (2015) descrevem que a habilidade de adquirir a linguagem é uma capacidade superior que o ser humano tem e, por meio dela, ele comunica-se a fim de expressar suas ideias, emoções e desejos, além de colaborar para o desenvolvimento de outras áreas (como a cognição) e contribuir para funções comunicativas. Alves *et.al.* (2017) ressalta que tanto a aquisição quanto o desenvolvimento das habilidades de linguagem dependem de estruturas cerebrais, herança genética, funcionamento metabólico e do estado nutricional, podendo também sofrer influências de fatores ambientais presentes nos meios em que as crianças estão inseridas, como, por exemplo, a família e a escola.

O interesse em estudar a linguagem enquanto uma atividade comunicativa surgiu a partir de uma forma sistematizada com os trabalhos decorrentes da área de Aquisição de Linguagem, onde diversos pesquisadores apontaram que, desde o primeiro ano de vida, a criança está sempre participando de intercâmbios comunicativos com o adulto e/ou responsável e nestes está aprendendo maneiras de manifestar os seus desejos e entender o desejo do outro; dessa forma, pode-se dizer que, quando a criança adquire a linguagem propriamente dita, ela já dominou, anteriormente, a natureza dos contextos comunicativos.

Puyuelo (2007) descreve que as crianças comumente produzem as primeiras palavras em torno de 1 ano de idade, sendo que, na maioria das vezes, essas palavras referem-se ao seu universo de objetos, pessoas e acontecimentos e tendem a ser nomes de jogos, animais, comida, verbos ou palavras; tudo isso faz parte do repertório das primeiras 50 palavras que as crianças aprendem rapidamente sendo que muitas delas podem produzir este número aproximado de palavras ao redor dos 18 meses de idade, além de que, nesta idade, muitas começam a produzir frases de até dois elementos combinando as palavras que conhecem. De acordo com Hage e Pinheiro (2017), o primeiro marco de desenvolvimento da linguagem está ainda na vida intrauterina, já que o feto pode ouvir o que ocorre no exterior; os autores ainda afirmam que a primeira forma de comunicação dos bebês com o mundo é o choro, sendo que este não se resume somente ao ato reflexo ao nascimento e sim serve como o principal recurso de comunicação dos bebês com menos de três meses de vida.

Por volta dos três meses de vida, o bebê emite sons guturais (/k/ e /g/), também sendo possível observar a produção de vogais e sons articulados e presença de outros sons presentes nesse período, como os sons bilabiais (/p/ e /b/); porém, assim como o choro, essas emissões não se classificam como uma comunicação funcional já que o ato reflexo da produção sonora passa a se caracterizar como um jogo prazeroso para a criança, sendo retroalimentado como uma espécie de feedback auditivo pela audição. A partir dos quatro meses de vida, o bebê inicia a produção de vocalizações aleatórias de diversos outros sons (sendo caracterizadas por um balbucio incorporado com consoantes), variando em intensidade e duração, associadas a sensação de bem-estar; neste período, os bebês também imitam sons e sorriem para as pessoas que falam com eles (PUYUELO, 2007; CHAVES, MENEZES E COELHO, 2015; HAGE E PINHEIRO, 2017).

Hage e Pinheiro (2017) descrevem que até os cinco meses essas produções e sons são repetitivos (como, por exemplo, /aaaaaa/, /ooooo/, /bbbbbb/, etc) e somente a partir dos seis meses que os bebês passam a produzir balbucios canônicos que tem sílabas bem formadas e variadas (como, por exemplo, /bada/, /padadama/, etc). Chaves, Coelho e Menezes (2015) e Puyuelo (2007) descrevem que em torno dos seis meses a sete meses, a criança passa a variar o volume e intensidade das vocalizações e expressa satisfação, insatisfação e excitação nas mesmas, além de realizar jogo vocal, produção de muitos sons em apenas uma respiração e escuta das vocalizações dos outros; nesta faixa etária, o balbucio já se apresenta de forma diferenciada conforme descrito anteriormente e a criança se mostra mais ativa do ponto de vista das interações, com mais expressões faciais e imitando os sons que ouve, também sendo possível perceber a possibilidade em manifestar seus desejos, porém ainda sem se dirigir diretamente aos outros. Os autores ressaltam aos poucos a criança percebe suas potencialidades quanto a expressão de seus desejos e passa a usá-las com alguma intenção comunicativa por volta dos 8 meses de vida; é também neste período que o bebê tem escuta seletiva, reconhece algumas palavras, repete com ênfase algumas palavras, imita gestos e tom do adulto, tem ecolalia e, sendo um marco de grande importância o surgimento da comunicação intencional, que refere-se a ações motoras ou vocalizações dirigidas ao outro aguardando uma resposta. Entre os 9 meses, 10 meses e 11

meses de vida a criança produz diversos padrões de entonação, usa gestos sociais, imita sons da língua, produz gritos, usa jargões (sequência de sons sem significado), imita a fala do adulto e inclui algum som em seu repertório, obedece a algumas ordens e imita reflexões, ritmos e expressões faciais (PUYUELO, 2007; HAGE E PINHEIRO, 2017). Finalmente, por volta dos 12 meses de vida, o surgimento das primeiras palavras com significado marca a entrada no desenvolvimento linguístico propriamente dito (CHAVES, MENEZES E COELHO, 2015).

Com enfoque no desenvolvimento da linguagem oral dos 12 meses de idade aos 24 meses de idade, os principais marcos de desenvolvimento de linguagem nesta faixa etária estarão expressos no quadro abaixo:

QUADRO 1. MARCOS DO DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM 12 - 24 MESES (autor próprio, 2023)

FAIXA ETÁRIA	MARCOS DO DESENVOLVIMENTO
12 - 15 meses	<ul style="list-style-type: none"> - 12 meses: Nesta faixa etária, o bebê reconhece seu nome, obedece a instruções visuais simples (especialmente se estas forem acompanhadas de apoio visual), entende o "não" pela entonação, diz uma ou várias palavras, pratica as palavras que conhece com inflexão e mistura palavras e jargão; além disso, entende muitas palavras familiares e ordens simples associadas à gestos e começa a dizer as primeiras palavras (ex: "mamá", "papá", etc). É um momento em que a criança faz uso de palavras isoladas, muitas vezes nomeando objetos e animais com sons que ainda não fazem muito sentido já que, nesse primeiro ano de vida, seu sistema fonológico ainda é considerado como pré-linguístico e se caracteriza pela ocorrência de sons existentes e não existentes na língua presente (TRENTINI, 2018; PUYUELO, 2007; CHAVES, MENEZES E

	<p>COELHO, 2015);</p> <ul style="list-style-type: none"> - 14 - 15 meses: Nesta faixa etária a criança aponta para a roupa, pessoas, brinquedos e animais nomeados, além de utilizar jargões e palavras na conversação. Seu vocabulário varia entre 4 e 6 palavras (PUYUELO, 2007)
16 - 19 meses	<p>Nesta faixa etária há grande enfoque para o desenvolvimento dos 18 meses de idade, já que nesta faixa há grandes e importantes marcos de desenvolvimento da linguagem. Aos 18 meses, os bebês começam a utilizar enunciados de 2 palavras e tem aproximadamente de 20 - 40 palavras em seu vocabulário, além de identificar partes do corpo, referir-se a si mesma com seu nome, cantar espontaneamente e brincar de perguntas e respostas com os adultos ao seu redor. As crianças de 18 meses também já se tornam capazes de achar objetos a pedido e fazer brincadeiras simbólicas com miniaturas, além de que é aos 18 meses que adquirem os primeiros sons da fala com os fonemas /b/ e /m/ em posição inicial. Aos 19 meses, a criança gosta de brincar com rimas, pede às pessoas que lhe ensinem alguma coisa, tenta explicar experiências, entende alguns pronomes pessoais e faz uso dos pronomes "eu" e "meu". Vale ressaltar que aos 18 meses ocorre uma expansão significativa do sistema fonológico, iniciando-se o processo que culminará, futuramente, no uso de estruturas silábicas mais complexas (PUYUELO, 2007; TRENTINI, 2018; CHAVES, MENEZES E COELHO, 2015)</p>
	<p>Considera-se como grande período de marcos do desenvolvimento da linguagem a faixa etária dos 24 meses. Com 24 meses, as crianças têm entre 150 - 300</p>

20 - 24 meses	<p>palavras em seu vocabulário, tem o hábito de nomear muitos objetos do seu cotidiano, utilizam pequenas frases incompletas (de cerca de 2 a 3 elementos combinados), utilizam algumas preposições, como dentro e sobre, e pronomes, como meu e seu, mas nem sempre de forma correta e utilizam algumas formas verbais corretamente. As crianças nesta faixa etária também seguem instruções envolvendo 2 conceitos verbais (os quais são substantivos) como, por exemplo: "Coloque o copo na caixa". Além disso, aos 24 meses as crianças adquirem os fonemas /p/, /t/, /d/ e /n/ em posição inicial (TRENTINI, 2018; PUYUELO, 2007).</p>
----------------------	---

Conforme descrito por Chaves, Menezes e Coelho (2015) o vocabulário amplia-se exponencialmente entre a faixa etária de 12 a 18 meses devido ao rápido aumento da compreensão e da fala nesse período; segundo as autoras, nesse período, as crianças apresentam um vocabulário caracterizado por estrutura silábica simples, como Consoante - Vogal (CV), Consoante - Vogal - Consoante (CVC) e Consoante - Vogal - Consoante - Vogal (CVCV), com inventário fonético ainda limitado, observando-se a produção de plosivas, nasais e semivogais. Quanto à comunicação, no período de 12 a 18 meses, Puyuelo (2007) descreve que inicia-se a coordenação de esquemas, objetos e pessoas, comportamentos de demandas de ação, maior consciência do valor da comunicação, emergência dos símbolos linguísticos com valor de comunicação e os gestos, indicações e vocalizações se misturam com sinais comunicativos não intencionais; quanto à fala e linguagem, o autor descreve que surgem enunciados de 1 palavra refletindo diversas categorias semânticas (como ação, agente, localização, objeto, posse, recorrência e negação), sendo que a linguagem faz parte dos esquemas de ação e os sons da fala se relacionam com os significados, aparecendo novas consoantes.

No período de 18 a 24 meses, segundo Puyuelo, as crianças incrementam as funções comunicativas (ex: instrumental, social, cognitiva) e ocorre diferenciação do eu e do resto, como por exemplo, pode falar de objetos

ausentes e de pessoas; quanto à fala e linguagem, o autor refere a combinação na linguagem de quatro relações semânticas (ex: agente, ação, objeto e localização), acrescentam-se novas categorias semânticas, incrementa-se o repertório fonético e há maior percepção da própria produção.

De modo geral, os primeiros anos de vida da criança podem ser considerados como os mais importantes no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades de linguagem, uma vez que, desde o nascimento os seres humanos estão expostos a estímulos que são favoráveis ao desenvolvimento da mesma, sendo que pode-se dizer que a primeira forma de socialização da criança ocorre através da linguagem e, na maioria das vezes, esta é efetuada no ambiente familiar e/ou escolar por meio de instruções verbais durante as atividades diárias da criança como na alimentação, amamentação ou na hora do banho. Logo, como o desenvolvimento da linguagem se dá por etapas e estando relacionado aos contextos linguísticos e situacionais dessa criança, o adulto tem um papel preponderante pois irá fornecer os instrumentos para o desenvolvimento da comunicação; um outro fator importante no quesito do desenvolvimento da linguagem é que há diferenças individuais, tanto no processo de aquisição quanto na velocidade e qualidade do desenvolvimento, já que esse processo é complexo e depende de uma série de fatores que compreendem desde a maturação neuropsicológica até contextos nos quais a criança está inserida, além de fatores como a afetividade e o desenvolvimento cognitivo (CARVALHO, LEMOS E GOULART, 2016; MARTINS, FRANCO E CALDANA, 2015).

Desta forma, o desenvolvimento da linguagem em etapas bem estabelecidas ressalta que devem ser observadas as singularidades e as vivências individuais de cada criança. Estudos revelam que há, de fato, uma sequência cronológica comum à maioria das crianças, mas, isso não significa afirmar que não possam ocorrer variações de criança para criança. Outro fator a ser levado em consideração é que, para se classificar um atraso no desenvolvimento da linguagem é necessário que o mesmo seja significativo, sendo que o profissional qualificado para fazer tal diagnóstico é o fonoaudiólogo. O período que compreende a faixa etária dos 0 - 6 anos de idade é um período de extrema importância para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da linguagem; portanto, caso a criança, por algum motivo, não

desenvolva a linguagem nesse período e caso ocorra a desconfiança de algum atraso, é importante a procura de uma intervenção e avaliação fonoaudiológica (CHAVES, MENEZES E COELHO, 2015; TRENTINI, 2018).

Ademais, a linguagem oral apresenta bases anteriores ao surgimento desta que se referem tanto ao desenvolvimento dos gestos quanto ao desenvolvimento da brincadeira simbólica.

2.3.1. Desenvolvimento Gestual Infantil

Segundo Kitahara e Freire (2020) e Bizutti, Maldonade e Silva (2021), a linguagem se trata de um dos recursos semióticos disponíveis na cultura para produzir a significação e, desta forma, ela pode ser representada de diferentes modos que não sejam apenas a fala, em manifestações que também podem ser observadas no desenvolvimento da linguagem como gestos, vocalizações, repetições, entre outras.

Por meio das interações que ocorrem com o meio desde os primeiros dias de vida do bebê, este comunica seus estados e percebe os estados de outras pessoas, sendo que, inicialmente, a criança utiliza sinais naturais que são desprovidos de intenções ou significados que, posteriormente, se tornarão convencionais; porém, tais formas de comunicação não verbais das quais fazem parte as expressões faciais, os movimentos corporais, as posturas, bem como os gestos, são prontamente interpretadas pela mãe como um sinal de que o bebê deseja comunicar algo e, de tal modo, é a mãe quem irá dotar o gesto de sentido, o qual será aprendido futuramente pelo bebê, que então passará a utilizá-lo intencionalmente. Portanto, quando a criança aprende que existe uma relação entre o seu comportamento e a consequente resposta de seu parceiro na interação, passa a utilizar tais gestos como forma de conseguir algo que deseja (CAMARGO *et.al.*, 2015).

Por definição, os gestos se tratam de ações produzidas com a finalidade de comunicação, geralmente sendo realizados utilizando-se os dedos, mãos e braços (os chamados gestos manuais) ou também podendo incluir movimentos faciais e corporais; ressalta-se que os gestos naturais constituem a primeira ferramenta de comunicação simbólica e sua função vai sendo transformada ao longo dos períodos de desenvolvimento da comunicação, mas que suporta a eficácia comunicativa dos seres humanos ao longo da vida. Apesar dos bebês produzirem vocalizações desde o seu nascimento, é através da comunicação

gestual e dos gestos que veiculam e estruturam as suas primeiras intenções comunicativas; logo, os gestos naturais são a base da construção da linguagem, uma vez que representam a forma facilitada da criança iniciar a construção de conceitos por um lado e é a alternativa para expressar conceitos quando elas ainda não dominam a modalidade verbal com todas as regras que estão inerentes à utilização de uma língua (LIMA E CRUZ-SANTOS, 2012; FLABIANO-ALMEIDA E LIMONGI, 2010).

No início do desenvolvimento da linguagem a função simbólica ainda não se constituiu e restringe, desta forma, a possibilidade do uso de símbolos, sejam estes verbais ou não e, dada esta ausência, os gestos, assim como as vocalizações empregadas como meios de comunicação, não possuem um caráter representativo, ou seja, a criança é capaz de comunicar seus desejos e intenções, mas ainda não tem condições de expressar os objetos do seu desejo. A gestualidade empregada na comunicação intencional é altamente dependente do contexto presente e fica restrita à uma função mais indicativa, expressando parcialmente as intenções da criança; desta forma, os gestos simbólicos começarão a surgir à medida em que a função simbólica se consolida, oferecendo à criança condições de utilizar símbolos também na forma de gestos com o intuito de comunicar o que pretende, como, por exemplo, o gesto de levar a mão até a boca repetidamente para representar "comida". Os gestos simbólicos começam a dar à criança uma condição para se referir a objetos ausentes e os gestos não simbólicos só podem ser interpretados a partir de pistas contextuais (ZORZI E HAGE, 2004).

Segundo Lima e Cruz-Santos (2012), são inúmeros os termos utilizados para referir diferentes tipos de gestos, isso porque à medida que a criança evoluiu nas funções comunicativas veiculadas por um determinado gesto num determinado período do seu desenvolvimento comunicativo, diferentes autores optam por diferentes nomenclaturas e definições. Segundo as autoras, é possível identificar 4 tipos de gestos utilizados antes dos 10 meses de idade, sendo eles:

- **Gestos Expressivos:** Utilizados para expressar emoções, como, por exemplo, bater palmas, bater os pés no chão, etc (LIMA E CRUZ-SANTOS, 2012);

- **Gestos Instrumentais:** Utilizados para controlar o comportamento do outro, como, por exemplo, estender os braços para pedir colo e fechar a mão para tentar agarrar um objeto enquanto alterna o contato ocular entre o interlocutor e o objeto (LIMA E CRUZ-SANTOS, 2012);
- **Gestos Enactivos:** Representam ações com algum nível de simbolismo, como, por exemplo, mãos ao lado da face representando a ação "dormir" (LIMA E CRUZ-SANTOS, 2012);
- **Gestos Dêiticos:** Utilizados para mostrar aos outros os objetos, como, por exemplo, apontar, mostrar ou oferecer, sendo que sua função é indicar onde um objeto está localizado ou demonstrar interesse em uma situação. Estes gestos também podem ser definidos como como gestos desenvolvidos para direcionar a atenção do adulto para entidade exteriores, sendo o apontar um gesto protótipo deste tipo de gestos e, dependendo do processo de aprendizagem associado à aquisição deste gesto (apontar), ele pode ser semelhante aos gestos ritualizados ou não. São utilizados para estabelecer um referencial, indicando um objeto ou evento, sendo demonstrativos ou direcionais, sendo a primeira manifestação da comunicação intencional e sua sequência de desenvolvimento revela um gradual distanciamento do objeto concreto, seguindo na mesma direção do desenvolvimento simbólico. Em um estudo que visava compreender o processo pelo qual as crianças transformam os gestos naturais em linguagem foram categorizados os gestos produzidos pelas crianças e pelas suas mães, estes gestos foram usados para indicar objetos, pessoas e locais no contexto imediato e com significados ligados ao contexto (FLABIANO-ALMEIDA E LIMONGI, 2010; LIMA E CRUZ-SANTOS, 2012; BIZUTTI, MALDONADE E SILVA, 2021; CAMARGO *et.al.*, 2015).

Segundo Flabiano-Almeida e Limongi (2010), as primeiras combinações de gesto e palavra observadas nas crianças se trata de combinações de reforço, no sentido de que o gesto serve para reforçar a informação contida na palavra como, por exemplo, quando a criança diz "tchau" ao mesmo tempo em que realiza o gesto de dar tchau. Neste contexto, seguindo o desenvolvimento infantil, surgem as combinações complementares e, nestes casos, o gesto serve para identificar o referente a ser nomeado por meio da palavra (ex: a criança

aponta para o carro e diz "Carro"). Posteriormente, a criança inicia a produção de combinações entre gesto e palavra, onde o gesto tem a função de trazer uma informação suplementar à informação contida na palavra, como por exemplo, quando a criança aponta para a banana e diz "comer".

Outras classificações quanto ao tipo de gestos foram descritas por diversos autores e estão descritos abaixo:

- **Gestos Rituais:** Conforme descrito por Lima e Cruz-Santos (2012), são aqueles em que a criança utiliza o gesto para que se faça algo, ou seja, são gestos desenvolvidos a partir de uma ação motora que, à medida que vai tendo uma resposta social, a criança acaba por resumir o movimento apenas a um gesto. Tais gestos distinguem-se dos gestos simbólicos porque a criança não está a influenciar a atenção do outro através de um ato comunicativo mutuamente compreendido, mas apenas para atingir um resultado concreto;
- **Gestos Simbólicos:** Segundo Lima e Cruz-Santos (2012) são os gestos utilizados em atos comunicativos que estão associados a um referente metonímico ou icônico, sendo que estes gestos são construídos com base nas características do objeto ou ação que representam, como por exemplo, estender os braços ao lado do corpo para referir "avião";
- **Gestos Convencionais:** Segundo Lima e Cruz-Santos (2012) são gestos que incluem movimentos do corpo e das mãos, por exemplo, estender a palma da mão para solicitar um objeto ("dar");
- **Gestos Icônicos:** Segundo Lima e Cruz-Santos (2012) e Bizutti, Maldonade e Silva (2021), são os gestos utilizados para expressar ações ou atributos de referências concretas por meio de movimentos corporais ou manuais, por exemplo, movendo o dedo indicador em círculos para indicar os movimentos de uma bola. Tais gestos estão ligados ao discurso, ilustram o que está sendo dito e têm funções discursivas.

Lima e Cruz-Santos (2012) descrevem que, em relação à classificação de gestos simultâneos ao discurso veiculados por movimentos manuais funcionais enumeram-se cinco tipos de gestos:

- Gestos Dêiticos;
- **Gestos Copulares:** Gestos os quais a mão move-se em direção à boca representando levar comida à boca e referenciar "comer";

- **Gestos Metafóricos:** Gestos os quais as mãos movem-se para representar a manipulação dos objetos. Bizutti, Maldonade e Silva (2021) referem que os gestos metafóricos ilustram o que o falante está dizendo, mas, tem uma relação indireta com o significado linguístico, pois tem a característica de referir-se a algo abstrato como, por exemplo, memória;
- **Gestos Espásticos:** Gestos os quais são realizados movimentos de batimentos rítmicos para referenciar por exemplo, o andar;
- **Gestos Aversivos:** Referem-se aos gestos nos quais as mãos adotam uma postura defensiva da cabeça ou do corpo.

Além dos gestos metafóricos e icônicos, Bizutti, Maldonade e Silva (2021) descrevem que levando em consideração os estudos de Kendon (1982) no livro "The Study of Gesture: Some observations on its History", é possível definir 5 tipos de gestos, sendo estes:

- **Gesticulação:** Gestos realizados no momento da fala de forma dinâmica e sem probabilidade. As autoras descrevem que, pelo fato de aliar-se ao fluxo da fala, aparece em torno dos 15 - 18 meses de idade, mas não significa que não possa aparecer antes desta faixa etária;
- **Emblema:** Descritos como gestos culturais que têm um significado relativo à sociedade a qual o falante está inserido e pertence, como, por exemplo, o gesto de "Ok". Segundo as autoras, estes parecem surgir entre os 16 e 17 meses de idade, podendo também aparecer antes desta faixa etária;
- **Pantomima:** Gestos que simulam as ações do cotidiano como, por exemplo, atender o telefone, dar comida para a boneca, brincar de carrinho, etc. Conforme descrito pelas autoras, aparece por volta dos 12 - 15 meses de idade, também sendo possível seu aparecimento antes desta faixa etária;
- **Gestos Preenchedores:** Gestos descritos como parte da sentença, mas não acompanham o fluxo da fala;
- **Sinais:** Gestos pertencentes à língua de sinais, portanto, neste contexto, cada país tem sua própria estrutura linguística.

Bizutti, Maldonade e Silva (2021) referem que, se considerada a Tipologia de McNeill (1992), os gestos podem ser:

- Icônicos;

- Metafóricos;
- Dêiticos;
- **Ritmados:** Também chamados de "Beats" pois as mãos movimentam-se no ritmo da pulsação da fala.

Ao longo do desenvolvimento, as crianças utilizam o gesto como forma de transição para a linguagem oral, produzindo os gestos naturais para acompanhar as suas verbalizações, sendo que tais combinações estão perfeitamente integradas no momento e no significado. De modo geral, as crianças utilizam os gestos para desempenhar várias funções comunicativas, designadamente, podem utilizar para pedir objetos ou ações, para informar, para comentar, e, até mesmo, para recusar (LIMA E CRUZ-SANTOS, 2012; FLABIANO-ALMEIDA E LIMONGI, 2010).

Por meio dos gestos, a criança tem a condição de referir-se aos objetos cujos nomes ainda não consegue expressar verbalmente, além de ser capaz de praticar a construção de estruturas sintáticas mais complexas, enquanto ainda não consegue expressá-las inteiramente por meio da fala. Assim, o uso de gestos isolados ou combinados às palavras fornece à criança um meio de aprender e ser capaz de expressar os mais diversos significados e ideais, sendo uma espécie de ponte entre o vocabulário propriamente expressivo e receptivo e entre as combinações gesto + palavra e as combinações destas palavras em sentenças posteriormente (LIMA E CRUZ-SANTOS, 2012; FLABIANO-ALMEIDA E LIMONGI, 2010).

Portanto, além da importância do desenvolvimento gestual, os mesmos podem estar associados ou entrar como importantes componentes na brincadeira simbólica, sendo que Ciciliato, Zilotti e Mandrá (2010) descrevem que o desenvolvimento da linguagem oral é relacionado com uma série de complexas habilidades cognitivas, linguísticas e perceptuais cuja origem está no período pré-verbal; desta forma, as autoras referem que a construção simbólica faz parte das habilidades cognitivas que são essenciais para a formação do signo linguístico, portanto, o desenvolvimento do simbolismo está diretamente relacionado com o desenvolvimento da linguagem oral.

2.3.2. Desenvolvimento da Brincadeira Simbólica

Segundo Cardoso *et.al.* (2012), durante o desenvolvimento infantil há uma relação estreita entre as áreas social, afetiva, cognitiva e comunicativa que formam a base para o surgimento dos símbolos linguísticos.

O jogo simbólico é uma das principais formas de expressão na infância e a atividade simbólica pode ser compreendida como a representação das experiências, por meio do qual a criança pode revelar seu mundo interior e expressar seus desejos e sentimentos, adaptando-se também, dessa forma, ao meio em que vive. O jogo simbólico da criança demonstra suas principais aquisições, também sendo importante para a aquisição do caráter social; em linhas gerais, o brincar proporciona o desenvolvimento da autonomia e da identidade, o contato com as regras sociais, as possibilidades de escolhas, resolução de situações problema e o desenvolvimento da imaginação através das brincadeiras de faz-de-conta, sendo que este último possibilita que a criança expresse sua capacidade em dramatizar e aprender a representar, tendo como referência a imagem de uma pessoa ou de um personagem ou objeto. O desenvolvimento do jogo simbólico é importante para que, através da brincadeira, a criança possa estabelecer mais relações sobre o modo de relacionar-se com as pessoas, consigo mesma e com o mundo que a rodeia; dessa forma, portanto, o pensamento de uma criança evolui conforme suas ações e nas representações de sua própria realidade na hora de brincar, sendo que, de forma lúdica, a criança expressa seus sentimentos, que podem ser vantajosos para a sua formação cognitiva, emocional e social (BARBOZA E VOLPINI, 2015; CICILIATO, ZILOTTI E MANDRÁ, 2010; PEDRUZZI E ALMEIDA, 2018).

Barboza e Volpini (2015) referem que Piaget divide o desenvolvimento cognitivo em quatro estágios, sendo estes:

- Estágio Sensório-Motor, que compreende a faixa etária dos zero aos dois anos de idade;
- Estágio Pré-Operatório, que compreende a faixa etária dos dois aos sete anos de idade;
- Estágio Operatório Concreto, que compreende a faixa etária de sete a 12 anos de idade;

- Estágio Operatório Formal, que compreende a faixa etária de 12 anos em diante.

Zorzi (1997) refere que a última fase do Estágio Sensório-Motor, que compreende, aproximadamente, a faixa etária dos 18 meses - 24 meses, é marcada pelo surgimento das condutas representativas que demonstram o início da formação de uma nova capacidade conhecida como Função Simbólica ou Representativa, sendo que tal capacidade manifesta-se por meio das condutas comunicativas, na forma em que a criança brinca ou manipula os objetos e no modo em que passa a realizar as imitações. Segundo Ciciliato, Zilotti e Mandrá (2010), a formação progressiva das condutas que estão presentes na brincadeira simbólica iniciam-se com as habilidades pré-simbólicas, também referidas por Zorzi (1997) como condutas de transição, sendo estas:

- **Uso convencional dos objetos:** Zorzi (1997) descreve que, por volta dos 12 a 13 meses de idade, os bebês começam a demonstrar um grande interesse em usar uma série de objetos de forma convencional, ou seja, do mesmo modo que observa as pessoas ao seu redor fazendo (ex: o pente é passado na cabeça). Por meio destas condutas imitativas, a criança desenvolve novas ações e descobre a finalidade dos objetos;
- **Esquemas simbólicos:** Marcam o aparecimento de um simbolismo elementar na brincadeira infantil e corresponde à reprodução pela criança de forma fictícia das ações que são consideradas rotina em sua vida (ex: a criança faz de conta que come), sendo que todo o simbolismo está ainda centrado no próprio corpo da criança (ZORZI, 1997);
- **Início da aplicação das ações em bonecos e pessoas:** Nesta conduta, a criança passa a brincar de faz-de-conta com outros parceiros, sendo que estes passam a participar, esporadicamente, do brinquedo, podendo, por exemplo, serem alimentados

As autoras ainda descrevem que, com o desenvolvimento da criança, seguem-se as seguintes condutas simbólicas:

- **Sistematização da aplicação das ações em outros:** As ações anteriormente esporádicas de atribuir aos outros o papel de participantes se torna sistemáticas, evidenciando um progresso na formação do simbolismo, uma vez que, à medida em que a criança atribui aos outros uma capacidade de agir semelhante à sua ocorre uma espécie de

desligamento ou descentralização da atividade simbólica somente relacionada a si mesma (ZORZI, 1997);

- **Sequencialização das ações simbólicas:** Nesta conduta, as ações simbólicas passam a se coordenar na forma de sequências. Neste contexto, as ações rotineiras anteriormente representadas de forma isolada passam a se combinar em sequências que são mais complexas e que se aproximam mais da realidade, ocorrendo um tipo de planejamento e antecipação das ações. Neste ponto, a criança tende a aumentar seu tempo de manipulação dos objetos com os quais está brincando (ZORZI, 1997);
- **Uso de símbolos:** Zorzi (1997) refere que nesta conduta, a criança começa a utilizar substitutos simbólicos dos objetos criados por ela mesma, ou seja, ela se mostra capaz de transformar um objeto no representante de outro e, ao invés de ficar limitada a utilizar miniaturas como símbolos dos objetos reais, ela cria por conta própria os novos símbolos. É também comum, conforme descrito por Zorzi (1997), observar nesta conduta o uso de palavras para simbolizar objetos ausentes, como, por exemplo, pegando um boneco a criança diz que ele irá tomar banho e, com sua mão, faz o gesto de abrir uma torneira dizendo que está ligando o chuveiro

Considerando toda a importância que o desenvolvimento da brincadeira simbólica tem para o consequente desenvolvimento da linguagem oral, é importante que o fonoaudiólogo esteja apto a estimular o desenvolvimento desta habilidade, pois, dessa forma, a criança poderá obter ferramentas para o desenvolvimento de outras áreas. Explorações dos processos de aquisição de relações simbólicas têm importantes ligações com o objetivo de ampliar a compreensão da aquisição de linguagem, no que interfere, por exemplo, no desenvolvimento de repertórios de nomeação, uso de sinônimos, organização hierárquica de categorias, entre outros (PEDRUZZI E ALMEIDA, 2018; CICILIATO, ZILOTTI E MANDRÁ, 2010).

Logo, levando em consideração o que é esperado para o desenvolvimento normal das crianças de 12 a 24 meses, serão citados adiante os principais fatores de risco para o surgimento de um distúrbio no desenvolvimento da linguagem.

2.4. Fatores de Risco para Distúrbios no Desenvolvimento da Linguagem

Desde o nascimento, as crianças já possuem e apresentam sinais comunicativos na interação com os pais, em específico, com a mãe chamados de protoconversa o inicial entre mãe e bebê, sendo que tal fen meno constitui as origens do diálogo nas quais   possível caracterizar os interlocutores (mãe e bebê) e os turnos de fala da mãe e "fala" do bebê, sendo estes preenchidos de modos variados tais como as vocaliza es, olhar, balbucio, diálogo t nico-postural, entre outros. Apesar de diversos estudos descreverem a prevalência e incidência das altera es de linguagem em crianças, poucos são os que indicam os fatores de risco propriamente ditos para tais altera es. Fatores de risco, portanto, podem ser definidos como aspectos do comportamento individual ou do estilo de vida, exposi o ambiental, características hereditárias ou cong nitas associados a uma condi o relacionada   saúde (CRESTANI, DE MORAES E DE SOUZA, 2015; SILVA, COUTO E MOLINI-AVEJONAS, 2013).

Conforme descrito por Cirilo *et.al.* (2021), o conceito de linguagem inclui a forma, a fun o e o uso de um sistema convencional de símbolos, como palavras que sejam faladas ou escritas, com um variado conjunto de regras para a comunica o. Befi-Lopes, Cáceres e Esteves (2012) referem que o processo de aquisi o e desenvolvimento da linguagem não pode ser descrito em um padrão único, uma vez que sofre influências tanto de diferenças individuais quanto dos aspectos sociais e ambientais; neste contexto, Pedott, Cáceres-Asse o e Befi-Lopes (2017) relatam que, conforme a criança vai sendo exposta às diferentes situa es linguísticas (sejam no ambiente escolar e/ou no familiar), ela aumenta seus domínios de diferentes aspectos das palavras, como, por exemplo, os aspectos semânticos. As autoras ainda complementam que, desta forma, as crianças gradualmente tendem a atentar para outras características da palavra, como os traços fonológicos.

Segundo Panes *et.al.* (2018), os riscos para o desenvolvimento infantil bem como para o desenvolvimento da linguagem envolvem diversos fatores decorrentes da intera o entre características biológicas, doenças e experiências oferecidas pelo meio ambiente, estando em nível peri, pr  e pós-natal. Por mais que a aquisi o de linguagem do ponto de vista cronológico de uma criança dita como normal segue uma ordem basicamente constante e o ritmo de progressão varia de criança para criança, há um período crítico para

este desenvolvimento, que compreende a faixa etária dos 0 aos 5 anos de idade, sendo que o resultado desse desenvolvimento é o estabelecimento de um sistema fonológico que condiz com o alvo-adulto, sendo a fala do grupo social em que a criança está inserida (MENDES *et.al.*, 2012).

É importante que na prática clínica fonoaudiológica exista um levantamento da história clínica que, juntamente com o exame clínico, irão compor o raciocínio que norteia a obtenção da hipótese diagnóstica. Neste contexto, o fonoaudiólogo poderá escolher o instrumento que considerar mais adequado e que permita a construção do plano/planejamento terapêutico individualizado. Além disso, nas habilidades de linguagem, como também em outras áreas do desenvolvimento, as crianças dependem das oportunidades oferecidas pelo ambiente para desenvolverem plenamente a herança genética e, por este motivo, fatores orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais (estrutura familiar relacional) podem ser considerados causas possíveis das dificuldades de linguagem e aprendizagem, sendo que esses fatores geralmente ocorrem interligados e as influências externas, como diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada são agravantes nesses casos. Ressalta-se ainda que os atrasos de linguagem são, por sua vez, um fator de risco significativo para o atraso no desenvolvimento global, mau desempenho escolar, e, além disso, uma vasta gama de dificuldades pessoais e sociais que pode se estender até a vida adulta (MENDES *et.al.*, 2012; DE MELO *et.al.*, 2022; PANES *et.al.*, 2018).

Befi-Lopes (2003) descreve que alguns fatores do nascimento como anóxia, hiperbilirrubinemia, baixo peso, entre outros podem ser destacados como fatores de risco para o desenvolvimento da linguagem. Além destes, destacam-se pela autora os estudos genéticos nos quais o histórico familiar para problemas de comunicação, principalmente em membros da família mais próximos, ordem de nascimento, com mais risco para o tardio, nível de educação dos pais, sexo (com meninos apresentando mais riscos que as meninas), questões perceptuais-auditivas (neste contexto, as otites tanto crônicas como de repetição podem interferir na aquisição e no desenvolvimento da linguagem oral), questões socioafetivas e ambientais podem ser fatores desencadeantes para os quadros de distúrbios de linguagem.

Puyuelo (2007) refere que a existência de problemas ou alterações de linguagem englobam um grupo muito amplo de patologias com características e etiologias diferentes sendo que os transtornos de linguagem, nas crianças, compreendem um amplo leque de sintomas que pode ir desde um problema leve a problemas muito complexos, desde leves problemas morfológicos, sintáticos, semânticos e/ou pragmáticos a problemas graves. Os fatores de risco descritos pelo autor são:

- **Dificuldades da Linguagem em função do componente de linguagem alterado:** Muitas crianças podem ter dificuldades em adquirir a linguagem na mesma velocidade que outras da mesma idade e este atraso pode manifestar-se desde as idades muito precoces, como também podem ser que aprendam somente um significado de uma palavra que tem muitos ou falhar nos aspectos morfológicos ou sintáticos, também podendo ter dificuldades em usar a linguagem em contextos sociais. Em alguns casos, as alterações da linguagem podem estar relacionadas com déficits cognitivos, problemas auditivos, lesão cerebral ou alterações do comportamento;
- **Déficit na interação entre os componentes da linguagem:** A criança desenvolve até certo ponto os diferentes componentes da linguagem, porém, as relações entre eles podem estar incompletas ou distorcidas. Nestes casos, a criança pode, por exemplo, comunicar ideias, mas as formas que usa são impróprias ao conteúdo e ao significado tendo uma fala estereotipada;

Além destes, Puyuelo (2007) descreve que os Fatores Etiológicos podem representar fatores de risco para o desenvolvimento da linguagem ou causando alterações de linguagem futuras, descrevendo-os em:

- Fatores Periféricos, que incluem aspectos sensoriais ou motores que influenciam em como a linguagem entra (aferência) e sai (eferência) do cérebro, como, por exemplo, problemas auditivos, problemas físicos, problemas visuais, surdez-cegueira, entre outros;
- Problemas do entorno e emocionais, que estão relacionados aos contextos do desenvolvimento ou aspectos inerentes à pessoa como, por exemplo, relações sociais deficitárias, mutismo seletivo e falta de oportunidades linguísticas no entorno;

- Mistos, descritos pelo autor que muitas alterações de linguagem incluem problemas cognitivos, sensoriais e/ou motores

Além dos fatores etiológicos, Puyuelo (2007) também descreve que pode ocorrer um déficit significativo nas habilidades de linguagem que não está relacionado a problemas cognitivos, motores, sensoriais e/ou socioemocionais, caracterizados como problemas receptivo-expressivos da linguagem. Mousinho e Alves (2017) referem que alguns sinais de risco para os transtornos de linguagem são linguísticos (como atraso no desenvolvimento da linguagem, inabilidade na estruturação da narrativa e dificuldades nos diferentes aspectos da linguagem), e, futuramente, acima da faixa etária dos 12 aos 24 meses, os riscos podem ser semânticos, morfossintáticos, pragmáticos, fonéticos (como dificuldades em produzir alguns sons da língua considerando o esperado para a faixa etária), fonológicos (como dificuldades em recuperar os sons certos na ordem correta, na memória e na consciência fonológica) e/ou lexicais (como vocabulário restrito ou dificuldade em reconhecer e acessar as palavras).

Portanto, além do conhecimento de tais fatores de risco, é necessário também ter as informações necessárias sobre os marcos de desenvolvimento da linguagem para que seja possível identificar o mais precoce possível as alterações de linguagem. O fonoaudiólogo deve, portanto, saber do histórico clínico da criança bem como de seu desenvolvimento, não somente se baseando na sintomatologia dos quadros, mas no quanto tais características se afastam do desenvolvimento típico para que possa ter uma boa e eficiente condução terapêutica ou no diagnóstico da alteração (HAGE E PINHEIRO, 2017).

Futuramente, nas crianças acima dos 24 meses, caso não seja realizada a identificação precoce destes distúrbios, a criança pode apresentar fatores de risco caracterizados como centrais, que se caracterizam como problemas de processamento central e que incluem alterações corticais que influenciam a aprendizagem no nível cognitivo e/ou linguístico como, por exemplo, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Deficiência Intelectual, Autismo, entre outros (PUYUELO, 2007).

Haguette (2020) descreve ainda que uma atenção especial deve ser dada ao desenvolvimento sócio-pragmático, especialmente nos primeiros dois anos de vida caso haja sinais precoces de risco para o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), sendo imprescindível que o fonoaudiólogo esteja atento aos

principais indicadores de desenvolvimento nas áreas de interação social, brincar e sinais de alerta para o TEA.

Logo, de modo geral, segundo Garcia, Martinez e Figueiredo (2020), no campo da Fonoaudiologia, os distúrbios da comunicação humana são a referência do estudo desta profissão. A relação intrínseca entre a Fonoaudiologia e a Linguagem será melhor explanada no tópico a seguir.

2.5. Fonoaudiologia e Linguagem

Segundo Lamônica e Ferreira-Vasques (2020), o Fonoaudiólogo é o profissional capacitado para realizar o diagnóstico de alterações fonoaudiológicas referentes à linguagem e, portanto, estes profissionais necessariamente precisam se apropriar do conhecimento científico baseado em evidências, além de contar com a colaboração das experiências em casos clínicos diversificados e sinais e sintomas relativos não apenas à área de atuação específica, mas também às demais áreas que abrangem o desenvolvimento infantil.

França e Lima (2018) descrevem que o processo de evolução da criança é marcado por episódios que fornecem sinais de um desenvolvimento adequado e apropriado, sendo que, neste contexto, os marcos do desenvolvimento da linguagem são de grande importância neste processo evolutivo. Ainda segundo os autores, a linguagem oral é um dos meios que permite que o indivíduo possa se comunicar (necessidade esta intrínseca ao ser humano), externar sentimentos, entre outros, sendo que este percurso de evolução da linguagem pode sofrer desvios, acarretando, por exemplo, em um atraso de linguagem, fator este que demandam maior procura do acompanhamento fonoaudiológico. França e Lima (2018) ainda ressaltam que a avaliação e a intervenção fonoaudiológica assumem um papel importante frente às dificuldades relacionadas ao desenvolvimento da linguagem oral, objetivando, portanto, estimular e direcionar a criança para que haja uma evolução neste percurso desviante, além de como instruir de maneira adequada os responsáveis acerca de como favorecer o desenvolvimento normal da linguagem da criança.

Visto que a aquisição da linguagem depende de uma associação entre os aparatos neurobiológicos e sociais, a estimulação de modo geral pode ser definida como um conjunto de processos preventivos e/ou terapêuticos que irão assegurar à criança uma melhor interação e intercâmbio com o meio em que vive

desde os primeiros anos de vida e, portanto, a estimulação é o que todo bebê precisa para que seja capaz de desenvolver suas habilidades e capacidades e, quando utilizada de maneira preventiva, pode evitar déficits psicomotores, linguísticos, entre outros, além de promover a interação entre a criança e sua família (NASCIMENTO E BROCCHI, 2023).

Tanto a avaliação quanto o diagnóstico dos distúrbios de linguagem têm como principal objetivo identificar a existência da alteração, buscar a sua possível causa, identificar as áreas que foram prejudicadas, observar o comportamento linguístico do indivíduo, avaliar as habilidades receptivas e expressivas da linguagem, comparar tais habilidades com os padrões de normalidade existentes e definir os parâmetros de evolução da reabilitação; além disso, deve-se ainda, para a identificação das alterações de linguagem, considerar as variações normais do desenvolvimento da linguagem, o contexto comunicativo que aquele indivíduo está inserido e os padrões que são utilizados para comparar o desempenho linguístico de uma criança (BEFI-LOPES, CÁCERES E ESTEVES, 2012).

Lima, Vilela e Silva (2015) descrevem que a Fonoaudiologia tem como objetivo principal trabalhar na saúde da comunicação humana, uma vez que, segundo Ferigollo e Kessler (2017), os distúrbios da comunicação humana são referência no campo de estudo da Fonoaudiologia, porém, segundo Goulart e Chiari (2012), é necessário que os mais diversos profissionais que façam parte do universo das crianças (sejam estes das áreas da educação, saúde ou até os próprios cuidadores) tenham acesso a conhecimentos estratégicos para que os esforços no sentido de manter ou garantir o restabelecimento da saúde em relação à comunicação sejam preservados durante todo o desenvolvimento.

A linguagem humana é complexa e dinâmica e, por este motivo, sua avaliação é um desafio. Porém, mesmo levando este fato em consideração, a verificação dos comportamentos linguísticos das crianças em relação aos seus pares no desenvolvimento típico compõem a base da observação deste processo e exige uma análise cuidadosa do contexto, conteúdo e instrumentalização para a avaliação, assim como a verificação das habilidades de compreensão e produção e das várias dimensões da linguagem são fatores importantes ao serem considerados na intervenção fonoaudiológica em linguagem (BEFI-LOPES, 2017).

Logo, a reabilitação e terapia fonoaudiológica na linguagem tem como principal intuito fornecer ao indivíduo a habilidade plena de se comunicar e reabilitar fatores que possam estar causando dificuldades comunicativas ou na expressão da linguagem, tanto no âmbito social como, futuramente, no profissional. Detalhes acerca da reabilitação e terapia na linguagem e da avaliação fonoaudiológica de linguagem estão esclarecidas adiante.

2.5.1. Avaliação Fonoaudiológica de Linguagem

A avaliação da linguagem permite a obtenção de uma linha de base do desempenho daquela criança através da observação do funcionamento linguístico desta em uma situação natural associada à análise de cada aspecto e/ou subsistema da linguagem separadamente.

A American Speech-Language-Hearing (ASHA, 2020) descreve que a avaliação, descrição e interpretação da capacidade de comunicação do ser humano requer a integração de uma variedade de informações e, na clínica fonoaudiológica, caso o profissional esteja frente à uma demanda de atraso ou suspeita de alteração de linguagem, normalmente, o primeiro procedimento realizado pelo fonoaudiólogo nessa situação é a avaliação, processo que permite caracterizar e analisar a linguagem da criança para a definição de condutas (BEFI-LOPES, 2017; SILVA, LAMÔNICA E HAGE, 2021; GURGEL, KAISER E REPPOLD, 2015; ZERBETO E BATISTA, 2016).

No entanto, estas técnicas podem variar de acordo com as demandas do sujeito que está sendo avaliado e do profissional que realiza a avaliação. De modo geral, sugere-se a utilização de instrumentos de avaliação, sendo que tal utilização é preconizada pela resolução nº 414 do Conselho Federal de Fonoaudiologia, que assegura o uso voltado ao diagnóstico e tratamento dos transtornos relacionados à comunicação humana, sendo considerados instrumentos de avaliação os protocolos, testes, equipamentos, softwares e outros recursos (BEFI-LOPES, 2017; SILVA, LAMÔNICA E HAGE, 2021; GURGEL, KAISER E REPPOLD, 2015; ZERBETO E BATISTA, 2016).

Dentre os diversos instrumentos de avaliação, considerando a faixa etária estudada, podem ser considerados o uso dos seguintes protocolos de avaliação de linguagem:

- **ADL - Protocolo de Avaliação e Desenvolvimento da Linguagem:**
Construído com o objetivo de avaliar crianças pequenas, de um a seis

anos e 11 meses, em fase pré escolar, auxiliando no processo de avaliação do desenvolvimento da comunicação verbal, mais especificamente a aquisição e o desenvolvimento dos domínios receptivos e expressivos da linguagem, seu conteúdo e sua estrutura, sendo que o protocolo conta em sua avaliação com tarefas que avaliam a semântica, morfologia e sintaxe da linguagem, porém, por mais que o ADL não conte com a avaliação do uso da pragmática, porém a observação desse tópico é possível durante a aplicação baseado nas informações obtidas pelos responsáveis. O protocolo é dividido por faixa etária, contendo as frases referentes às tarefas que estão sendo avaliadas e os espaços para pontuação e anotações. Abaixo de cada um dos itens, estão localizados os espaços para pontuação. À esquerda, estão os itens referentes à avaliação da linguagem compreensiva, e à direita, os itens referentes à linguagem expressiva (MENEZES, 2019);

- **LAVE - Lista de Avaliação de Vocabulário Expressivo:** Consiste em uma prova voltada para o vocabulário expressivo, que avalia o vocabulário de crianças a partir de um questionário que é preenchido por seu responsável; seu objetivo é identificar possíveis atrasos de linguagem em crianças na faixa etária de dois a seis anos de idade. Além disso, a lista é dividida em duas partes, sendo a primeira parte composta por um questionário que por objetivo levantar informações sobre a criança e sua família, e a segunda parte, composta por uma lista de 309 palavras, consideradas de alta frequência, que são divididas em 14 categorias semânticas, sendo elas: Objetos, Animais, Comidas, Pessoas, entre outras (CAPOVILLA, 1997);
- **PROC - Protocolo de Observação Comportamental:** Construído tendo como objetivo avaliar crianças pequenas de 12 a 48 meses e o desenvolvimento das habilidades comunicativas e cognitivas por meio de observação comportamental. O protocolo foi elaborado para verificar as habilidades comunicativas, com foco nos aspectos pragmáticos, compreensão verbal e evolução da ação simbólica e avalia aspectos das habilidades comunicativas expressivas, de compreensão e esquemas simbólicos, apresentando três áreas de avaliação que são divididas em

subtópicos - Habilidades Comunicativas, Compreensão Verbal e Aspectos do Desenvolvimento Cognitivo (HAGE E ZORZI, 2004);

- **TVIP - Teste de Vocabulário por Imagens Peabody:** Construído para avaliação do vocabulário receptivo, avaliando o desenvolvimento lexical no domínio receptivo, ou seja, avaliar as habilidades de compreensão de vocabulário de crianças entre dois anos e 6 meses até 18 anos de idade, permitindo uma avaliação objetiva, rápida e precisa do conteúdo da linguagem, em específico do vocabulário receptivo auditivo em ampla variedade de áreas, incluindo pessoas, ações, qualidades, partes do corpo, tempo, natureza, lugares, objetos, animais, termos matemáticos, ferramentas e instrumentos. O TVIP é indicado para avaliar o nível de desenvolvimento da linguagem receptiva em crianças da educação infantil, bem como em crianças ou adultos incapazes de ler, de escrever ou mesmo de falar já que, para avaliar a compreensão auditiva de palavras isoladas, requer apenas que o examinando escolha a figura correspondente à palavra falada pelo examinador. A versão adaptada para o Brasil consiste em cinco pranchas de prática seguidas de 125 pranchas de teste, organizadas em ordem crescente de dificuldade. As pranchas são compostas de quatro desenhos de linha preta em fundo branco e o teste é organizado de acordo com um modelo de múltipla escolha. De forma geral, a tarefa consiste em selecionar, dentre as alternativas, a figura que melhor representa a palavra falada apresentada pelo examinador (CAPOVILLA *et.al.*, 1997).

Além dos protocolos padronizados, a brincadeira simbólica pode ser avaliada por meio de uma avaliação que necessita dos seguintes materiais: uma boneca, acessórios para a boneca e um instrumento para filmagem. Primeiro, é feito uma espécie de treino com a criança, um ensaio prático, como por exemplo, colocar leite na mamadeira e dar para a boneca tomar, para então depois realizar a imitação de esquemas gestuais sequenciais em rotina familiar; esta avaliação deve ser gravada e analisada por meio da filmagem, registrando as ações da criança, além dos jogos simbólicos do protocolo correspondente, onde três ações devem ser observadas, a fim de analisar a memória, atenção visual, leitura de palavras e não palavras, conhecimento do alfabeto e compreensão de frases. As

ações que devem ser realizadas pela criança consistem em (GUIMARÃES *et.al.*, 2002):

- 1) Dar comida para o bebê (boneca);
- 2) Dar banho no bebê (boneca);
- 3) Colocar o bebê (boneca) para dormir.

A filmagem deve ser composta por duas partes, uma brincadeira livre e os gestos que a criança emprega nas situações colocadas na brincadeira (GUIMARÃES *et.al.*, 2002).

Considerando que a precocidade da intervenção pode promover uma melhor evolução e pode proporcionar um melhor desenvolvimento da criança, Befi-Lopes (2017) ressalta que o desenvolvimento de linguagem e comunicação ocorre de forma mais rápida durante os primeiros anos de vida em comparação a qualquer outro período da vida de um indivíduo. Logo, Lindau *et.al.* (2015) e Cunha *et.al.* (2021) ressaltam que se torna necessário a disponibilidade de instrumentos sistemáticos e formais puramente brasileiros indicados para avaliação e diagnóstico na área da Fonoaudiologia em geral e, principalmente, para crianças em idade pré-escolar, já que na Fonoaudiologia brasileira, os instrumentos de avaliação de linguagem oral elaborados para o português brasileiro são escassos, prevalecendo as adaptações do abundante material internacional sobre o tema.

Portanto, a avaliação fonoaudiológica norteia muito a reabilitação e terapia fonoaudiológica, auxiliando na elaboração do planejamento terapêutico.

2.5.2. Reabilitação e Terapia Fonoaudiológica na Linguagem

Segundo França e Lima (2018), é de conhecimento geral que a linguagem oral tem múltiplas possibilidades de uso e isso requer do profissional um olhar atento e experiente a fim de que seja possível detectar as dificuldades e potencialidades do indivíduo não somente no ambiente terapêutico como também a partir da coleta de dados sobre este indivíduo fora deste ambiente. Logo, de modo geral, a avaliação da linguagem oral infantil se dá por meio da aplicação de escalas de desenvolvimento, testes validados, protocolos não padronizados e observação comportamental, já que o uso destes instrumentos auxilia no processo diagnóstico para que possa ser possível obter uma conclusão acerca do desempenho linguístico da criança e quais fatores não se

encontram dentro dos padrões de normalidade, precisando, desta forma, de uma intervenção.

Giacheti e Lindau (2017) descrevem que o diagnóstico fonoaudiológico implica na investigação de características ou manifestações de habilidades relacionadas à comunicação e, dentre as fases do processo de diagnóstico tem-se a coleta da história clínica do paciente, visita à escola ou outros profissionais e entrevista para apresentação dos resultados. Logo, neste contexto, Lamônica e Ferreira-Vasques (2020) referem que o diagnóstico precoce integrado com a equipe interdisciplinar e família, com direcionamento, orientações e planejamento terapêutico adequado e individualizado é essencial para um prognóstico favorável, levando em consideração também o envolvimento da equipe familiar e, futuramente, escolar como um fator essencial, fornecendo orientações e direcionamentos que sejam adequados com todo o processo de atendimento à criança e com empoderamento dos pais diante do estímulo adequado às crianças nos diferentes ambientes em que ela convive e interage.

Haguette (2020) descreve que, com o intuito de ressaltar os indicadores de risco que indicam para a necessidade de uma avaliação fonoaudiológica, as queixas parentais mais frequentes são:

- **12 - 18 meses:** A criança começou a falar, mas parece que "perdeu" a linguagem; a criança ainda não fala nada; a criança fala muito pouco; a criança fala, mas o pai/mãe não compreende o que ela disse; a criança fala uma palavra em um dia, mas, no outro, já a esqueceu; a criança não aprende o nome dos objetos por mais que os pais a ensinem; a criança não se interessa por pessoas; a criança parece não perceber o que tem perto dela/dele; a criança olha para o pai/a mãe quando este a pergunta algo, como se não entendesse a pergunta; o pai/a mãe pergunta algo à criança, mas ela não responde;
- **18 - 24 meses:** A criança ainda não fala nada; a criança fala muito pouco; a criança fala, mas o pai/mãe não compreende o que ela disse; a criança fala, mas não junta as palavras em frases; a criança não aprende o nome dos objetos por mais que os pais a ensinem; a criança é "esperta para tudo, menos para falar"; a criança entende tudo o que o pai/a mãe fala, mas quase não fala; a criança não forma frases; somente os pais/as pessoas da casa compreendem o que a criança fala.

Haguette (2020) ainda descreve que, dentre estas queixas, apresentam-se alguns sinais de alerta para o fonoaudiólogo, sendo estes:

- **12 - 18 meses:** A criança ainda não desenvolveu o jargão, ainda não usa uma palavra com o significado de uma frase (ou seja, holófrase), não inibe o comportamento frente a palavra "não", não demonstra interesse por imagens ou objetos e familiares, não imita gestos, ações e/ou palavras, não compartilha seus interesses associando gestos, olhares e/ou palavras, não utiliza gestos simbólicos e não responde sim/não com a cabeça;
- **18 - 24 meses:** A criança não produz palavras com consistência, não segue comandos de 2 ações, não combina 2 palavras em frases, não faz perguntas (mesmo com as "holófrases"), não nomeia de forma espontânea objetos, pessoas ou imagens que lhe sejam familiares, não faz troca de turnos verbais, não usa ou usa pouco das palavras que dispõe para protestar ou compartilhar seus interesses, vocabulário reduzido e mais de 50% da fala é incompreensível para o cuidador aos 24 meses.

Segundo Giusti e Assenço (2020), a intervenção fonoaudiológica deve ser focada em estratégias que auxiliem no desenvolvimento e organização do desenvolvimento da linguagem e, conforme descrito por Sergen e Fernandes (2019), o tratamento, independentemente da linha teórico-clínica escolhida, deve dar início o mais cedo possível e deve ser adaptado às necessidades específicas de cada criança e família, uma vez que a intervenção nos primeiros anos de vida tem um impacto significativo sobre o desempenho de muitas crianças e a participação dos pais, descritos como coterapeutas em alguns programas de intervenção, é fundamental.

A terapia fonoaudiológica na linguagem, em especial frente aos atrasos de linguagem, é realizada, portanto, através dos achados da avaliação, sendo que o fonoaudiólogo atua como mediador entre a criança e sua família para que, desta forma, o paciente possa apresentar ganhos comunicativos e para que sua linguagem tenha funcionalidade no âmbito social; logo, cada etapa da intervenção está diretamente relacionada e ligada à outra e, neste contexto, caso a avaliação não seja bem estruturada e realizada com eficácia, o processo e planejamento terapêutico não irá surtir o resultado esperado e desejado pela família e pelo terapeuta (FRANÇA E LIMA, 2018).

No item abaixo será abordado a importância do papel dos pais no desenvolvimento e na aquisição de linguagem.

2.6. Papel dos Pais no Desenvolvimento de Linguagem

Conforme descrito por Gonçalves (2012), a família é um dos primeiros contextos de socialização da criança e tem um papel fundamental para o seu entendimento do seu processo de desenvolvimento; Haguette (2020) portanto ressalta que, nos primeiros anos de vida da criança, ela passa a maior parte do tempo seus pais e/ou cuidadores e, desta forma, desenvolvem suas habilidades de linguagem a partir da relação com estes e com o meio que as cerca. Neste contexto, as estimulações no ambiente doméstico, através da atuação dos pais, podem proporcionar uma variedade de experiências perceptivas com pessoas, objetos e símbolos, sendo estes fatores de contribuição para o desenvolvimento cognitivo das crianças, ou seja, quanto melhor a qualidade da estimulação disponível para a criança, melhor será o seu desempenho cognitivo e seu desenvolvimento da linguagem.

Segundo Nascimento e Brocchi (2023) a participação dos pais na estimulação da linguagem é um fator essencial, uma vez que estes exercem o papel de fornecer à criança as intenções comunicativas, buscando e objetivando dar significado à sua fala e aproximando o nível linguístico delas ao seu. As autoras ressaltam que a criança aprende e adquire muito a partir do ambiente em que vive e dos estímulos recebidos através deste e, desta forma, pode-se afirmar que um ambiente estimulador se torna um fator que facilita o desenvolvimento tanto da linguagem quanto da criança como um todo.

A interação entre pais e filhos é influenciada por uma variedade de habilidades sociais educativas que irão repercutir no repertório comportamental das crianças e no desenvolvimento infantil, em específico no que diz respeito aos aspectos socioemocionais. Logo, a criança em desenvolvimento necessita de um ambiente fortemente estimulante e que seja propício à aprendizagem, já que o seu desenvolvimento está intrinsecamente influenciado pelo estilo de interação desta com os pais. Outro fator importante a ser ressaltado é de que os primeiros interlocutores da criança são os membros de sua família e, por este motivo, pode ocorrer que o desenvolvimento de linguagem desta criança não atinja os níveis que deveria e poderia atingir em decorrência da pouca valorização e falta de conhecimento por parte dos pais em relação à importância

de sua participação no processo de aquisição da linguagem. Muitos familiares possuem dúvidas ou incertezas quanto ao desenvolvimento da linguagem de seus filhos e/ou crianças e em como podem tratar essas situações, e, em muitos casos, recorrem a pediatras e educadores para receber orientações, sendo que o fundamental seria o encaminhamento ao fonoaudiólogo especialista em linguagem (GONÇALVES, 2012; ALEXANDRE *et.al.*, 2020).

É necessária, portanto, a orientação aos pais quanto ao desenvolvimento infantil e importância da estimulação precoce, pois, ao conhecerem o processo de crescimento dos filhos, tornam-se aptos a identificar os fatores de risco para desvios, compreender as dificuldades, limitações, diferenças pessoais de ritmo e de potencial entre cada criança e a buscar ajuda necessária (NASCIMENTO E BROCCHI, 2023).

Portanto, frente a importância dos pais no desenvolvimento infantil, englobando desde a aquisição da linguagem e contribuindo para as informações que serão coletadas e que servirão de base para a avaliação e posterior terapia, ainda é possível observar a escassez de materiais que avaliem as crianças de 12 a 24 meses e tenha a visão dos pais como principal objeto da avaliação e, por este motivo, o presente trabalho traz como proposta a realização de um material que avalie o desenvolvimento das aquisições iniciais da linguagem das crianças de 12 a 24 meses sob a ótica parental.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Analisar o desenvolvimento inicial de linguagem de crianças de 12 a 24 meses e o papel dos pais baseado em uma revisão de literatura

3.2. Objetivos Específicos

1. Caracterizar os temas relacionados a linguagem nos últimos 13 anos
2. Identificar o desenvolvimento gestual e o tipo de desenvolvimento das aquisições iniciais de linguagem dos bebês
3. Identificar os protocolos mais utilizados
4. Elaboração de um inventário de rastreio das aquisições iniciais de linguagem de 12 a 24 meses segundo a ótica parental

4. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se por uma pesquisa aplicada, do tipo descritiva realizado no ano de 2023 a partir da proposta da construção de um roteiro de inventário de rastreio das aquisições iniciais de linguagem de 12 a 24 meses segundo a ótica parental e que possa ser aplicado na clínica fonoaudiológica de linguagem baseado na análise de artigos acerca do assunto abordado. A metodologia foi dividida em 2 partes: A primeira parte tem como objetivo realizar o levantamento bibliográfico para a construção do inventário e a segunda parte tem como objetivo a elaboração do inventário

4.1. Materiais

Para a elaboração do inventário de rastreio foi realizado, inicialmente, um levantamento bibliográfico de literatura referente ao material proposto.

Para embasar o levantamento bibliográfico e a pesquisa teórica do inventário de rastreio foram utilizadas as bases de dados Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS), além de acrescentar-se o Google Acadêmico para a pesquisa. Para a base de dados Scielo, foram utilizados os filtros de artigos em língua portuguesa, publicados entre 2010 e 2023 e operadores booleanos "AND" e "NOT". Para a base de dados LILACS, foram utilizados os filtros de artigos em língua portuguesa e inglesa, publicados entre 2010 e 2023 e operadores booleanos "AND" e "NOT".

Quanto aos descritores, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e as palavras-chave utilizadas foram "Fonoaudiologia", "Gestos/Gestures", "Desenvolvimento da Linguagem/Language Development", "Simbolismo/Symbolism", "Terapia de Linguagem/Language Therapy", "Transtornos da Linguagem/Language Disorders", "Patologia de Linguagem", "Linguagem Oral" e "Reabilitação dos Transtornos da Fala e Linguagem". No Google Acadêmico adicionou-se as palavras-chave "Brincadeira Simbólica", "Jogo Simbólico" e "Atraso de Fala", "Atuação Fonoaudiológica na Linguagem", "Avaliação Fonoaudiológica da Linguagem", "Protocolos de Linguagem" e "Reabilitação Fonoaudiológica em Linguagem".

Os critérios de inclusão utilizados foram:

1. Artigos Científicos publicados nas bases de dados selecionadas (SciELO e LILACS);
2. Artigos científicos relacionados à linguagem, atuação fonoaudiológica na linguagem, desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento infantil de 12 a 24 meses;
3. Artigos científicos publicados no período entre os anos 2010 e 2023.

Levando em conta os critérios de inclusão, foram excluídos os materiais que não abordassem a linguagem como tema principal, materiais que não tivessem relação com os temas apresentados e que não correspondiam ao objetivo do trabalho. Logo, foram excluídos e desconsiderados:

1. Artigos científicos, teses e livros que não correspondiam ao tema proposto;
2. Artigos em que o resumo não condizia com o tema proposto;
3. Materiais que não tivessem embasamento científico;
4. Artigos científicos que não foram publicados entre os anos 2010 e 2023;
5. Artigos científicos e, teses e livros que não estivessem em língua portuguesa ou inglesa;

Para a construção visual e elaboração do inventário de rastreio foram utilizados o Microsoft Word e Excel

4.2. Procedimentos

A partir da combinação dos descritores pesquisados nas bases de dados selecionadas foram encontrados um total de 215 artigos ($n= 215$) publicados, antes da aplicação de filtros e operadores booleanos. Após a leitura dos títulos e aplicação dos filtros e operadores booleanos, foram excluídos 100 artigos ($n = 100$), sobrando ao todo 115 artigos ($n= 115$) e destes, após a leitura do resumo do artigo, foram selecionados 85 artigos ($n= 85$). Levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão e a leitura completa dos mesmos, para a amostra final foram escolhidos 42 artigos ($n= 42$).

O processo de pesquisa dos artigos está descrito conforme o fluxograma abaixo:

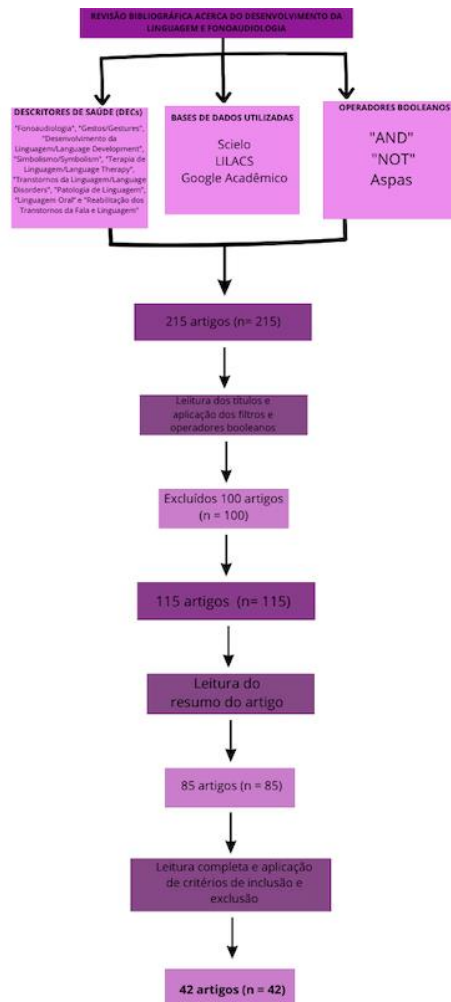


Figura 1. PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA (autor próprio, 2024).

Os artigos utilizados foram descritos conforme o quadro abaixo:

QUADRO 2. LISTA DE ARTIGOS UTILIZADOS PARA REVISÃO DE LITERATURA (autor próprio, 2023).

ARTIGOS/ VARIÁVEIS	ANO	TÍTULO DO MATERIAL	REVISTA	PALAVRAS- CHAVES	TIPO DE PUBLICAÇÃO
1	2017	Associação entre desenvolvimento de linguagem e ambiente escolar em crianças da educação infantil	Distúrb Comun.	Desenvolvimento da Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
2	2020	Validação de Cartilha sobre os marcos do	CEFAC	Desenvolvimento da Linguagem e	Artigo Original

		desenvolvimento da linguagem na infância		Fonoaudiologia	
3	2021	Conceito da Comunicação na formação dos fonoaudiólogos no ensino público do Rio Grande do Sul	Sustinere	Comunicação e Fonoaudiologia	Artigo Original
4	2015	O Faz de Conta: Simbólico, Representativo ou Imaginário	Cad de Educ: Ens e Soc.	Jogo Simbólico	Artigo Original
5	2015	Os gestos na comunicação mãe-bebê: um estudo longitudinal	Estud Pesqui Psicol.	Desenvolvimento da Linguagem e Gestos	Artigo Original
6	1997	Desenvolvimento Linguístico na criança brasileira de 2 a 6 anos: Tradução e Estandarização do Peabody Picture Vocabulary Test de Dunn & Dunn e da Language Development Survey de Rescorla	Ciência Cognitiva: Teor., Pesq. e Aplic.	Linguagem, Desenvolvimento e Comunicação	Artigo Original
7	1997	Versão Brasileira do Teste de Vocabulário por Imagens Peabody: dados preliminares	Distúrb da Comun.	Vocabulário	Artigo Original

8	2012	Desempenho Sócio-Cognitivo e diferentes situações comunicativas em grupos de crianças com diagnósticos distintos	J Soc Bras Fonoaudiol .	Linguagem e Comunicação	Artigo Original
9	2016	Desenvolvimento da Linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática	CoDAS	Desenvolvimento da Linguagem e Linguagem Infantil	Revisão Sistemática
10	2010	Caracterização das Habilidades Simbólicas de crianças com Síndrome de Down	Rev Soc Bras Fonoaudiol .	Linguagem Infantil e Simbolismo	Artigo Original
11	2021	Classificação Internacional de Funcionalidade e transtornos de linguagem: revisão integrativa de literatura	Distúrb Comun.	Fonoaudiologia e Linguagem	Artigo Original
12	2015	Análise da Associação entre índices de risco ao desenvolvimento infantil e produção inicial da fala entre 13	CEFAC	Fatores de Risco, Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original

		e 16 meses			
13	2021	Estudo descritivo sobre instrumentos de avaliação de linguagem oral publicados nos periódicos fonoaudiológicos brasileiros	Distúrb Comun.	Testes de Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
14	2022	Atividades Teatrais: Contribuições para o desenvolvimento da pragmática na linguagem infantil	Distúrb Comun.	Desenvolvimento da Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
15	2022	Cada criança é uma: Histórias de desenvolvimento e aquisição da linguagem	Rev Bras Ed. Esp.	Aquisição da Linguagem	Artigo Original
16	2022	Protocolos Fonoaudiológicos de história clínica: revisão integrativa	Audiol Commun Res.	Protocolos Clínicos e Fonoaudiologia	Revisão de Literatura
17	2016	Grupos de familiares com indivíduos com alteração de linguagem: o processo de elaboração e aplicação das atividades terapêuticas	CEFAC	Reabilitação dos Transtornos da Fala e da Linguagem	Artigo Original

18	2017	Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional: Prática interdisciplinar nos distúrbios da comunicação humana	CEFAC	Transtornos da Comunicação e Fonoaudiologia	Artigo Original
19	2010	O Papel dos Gestos no desenvolvimento da linguagem oral de crianças com desenvolvimento típico e crianças com síndrome de down	Rev Soc Bras Fonoaudol.	Gestos e Linguagem Oral	Artigo de Revisão
20	2020	Interface Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional: integração de saberes científicos de campos de conhecimento	CEFAC	Fonoaudiologia	Artigo de Revisão
21	2012	Comunicação Humana e Saúde da Criança: Reflexão sobre promoção da saúde na infância e prevenção de distúrbios fonoaudiológicos	CEFAC	Desenvolvimento da Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
22	2016	Aplicabilidade dos estudos de carga de doença nos distúrbios fonoaudiológicos	CEFAC	Fonoaudiologia	Artigo de Revisão
23	2002	A brincadeira	Temas	Brincadeira Simbólica	Artigo Original

		simbólica nas situações lúdicas de crianças com necessidades especiais e crianças normais	Desenvolv.		
24	2015	A busca de evidências de validade no desenvolvimento de instrumentos em Fonoaudiologia: revisão sistemática	Audiol Commun Res.	Fonoaudiologia	Revisão de Literatura
25	2011	Vocabulário Expressivo e Consciência Fonológica: Correlações destas variáveis em crianças com desvio fonológico	Rev Soc Bras Fonoaudiol .	Desenvolvimento da Linguagem e Vocabulário	Artigo Original
26	2020	O Gesto na Clínica Fonoaudiológica: um estudo sob o olhar da análise discursiva materialista	CEFAC	Gestos e Fonoaudiologia	Artigo Original
27	2012	Aquisição dos gestos na comunicação pré-linguística: uma abordagem teórica	Rev Soc Bras Fonoaudiol .	Gestos, Linguagem e Transtornos da Comunicação	Artigo Especial
28	2015	Instrumentos Sistemáticos e Formais de Avaliação	CEFAC	Linguagem Infantil e Testes de Linguagem	Artigo Original

		da Linguagem de pré-escolares no Brasil: uma revisão de literatura			
29	2015	Elaboração e Avaliação de um website sobre o desenvolvimento da linguagem infantil: Portal dos bebês – Desenvolvimento da Linguagem	CEFAC	Desenvolvimento da Linguagem	Artigo Original
30	2012	Fatores Associados à alteração da linguagem em crianças pré-escolares	Rev Soc Bras Fonoaudiol	Fatores de Risco e Linguagem	Artigo Original
31	2023	Desenvolvimento da Linguagem de crianças prematuras extremas ao nascimento: orientação aos pais	CEFAC	Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
32	2022	Aquisição de linguagem a exceder a fala: gestos de bebês e função interpretativa do cuidador	DELTA	Gestos e Aquisição de Linguagem	Artigo Original
33	2018	Fatores de Risco para o Desenvolvimento da Linguagem: atitudes	J Health NPEPS	Fatores de Risco, Transtornos do Desenvolvimento da	Artigo Original

		dos profissionais da saúde e educação		Linguagem e Linguagem	
34	2018	O Jogo Simbólico na intervenção fonoaudiológica de crianças com transtorno do espectro autístico	Distúrb Comun.	Jogo Simbólico e Fonoaudiologia	Artigo Original
35	2017	Habilidades de aliteração e rima em crianças com distúrbio específico de linguagem	CoDAS	Desenvolvimento da Linguagem, Transtornos da Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
36	2014	Avaliação de aspectos pragmáticos em crianças com desvios fonológicos	CEFAC	Desenvolvimento da Linguagem	Artigo Original
37	2019	Caracterização de um serviço de referência no atendimento fonoaudiológico a indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo	Audiol Commun Res.	Linguagem e Fonoaudiologia	Comunicação Breve
38	2013	Identificação dos fatores de risco em crianças com alteração fonoaudiológica: estudo piloto	CoDAS	Fatores de Risco, Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
39	2021	Instrumentos avaliativos de	CEFAC	Linguagem e Fala	Artigo de Revisão

		linguagem e fala para crianças traduzidos e adaptados para a língua portuguesa do Brasil: uma revisão integrativa da literatura			
40	2015	Fonologia, Processamento Auditivo e Educação Infantil: Influências ambientais em crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses	CEFAC	Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
41	2016	Abordagem grupal para avaliação de alterações de linguagem em crianças pequenas	Ciên e Saúd Col.	Linguagem e Fonoaudiologia	Artigo Original
42	2012	Consciência Linguística: diferentes olhares	Letrônica	Aquisição de linguagem	Artigo original

Após a revisão de literatura, foi realizada uma análise dos achados que pudessem colaborar para a construção do inventário de rastreio. O Excel e o Microsoft Word foram utilizados para a elaboração do inventário, considerando o que foi encontrado na análise de artigos e literatura referentes ao assunto. O inventário levou em consideração a Escala Likert para a estruturação das perguntas aos pais contidas neste, dividido por faixa etária em 3 grupos: 12 a 15 meses de idade, 16 a 19 meses de idade e 20 a 24 meses de idade.

A Escala Likert, conforme descrita por Aguiar, Correia e Campos (2011), foi desenvolvida pelo cientista Rensis Likert entre 1946 e 1970; nesta escala, o respondente, em cada questão, diz seu grau de concordância ou discordância

sobre algo, selecionando 1 ponto dentre 5 gradações sendo estes: nunca, raramente, às vezes, quase sempre e sempre. Feijó, Vicente e Petri (2020) referem que a Escala Likert é uma escala somativa e é uma escala de fácil entendimento e aplicação, além de ter capacidade de se adaptar a diferentes necessidades nos mais diversos projetos de pesquisa.

O conteúdo do material desenvolvido refere-se a um inventário de rastreio onde os pais deverão responder perguntas de acordo com a faixa etária de seus filhos para que o fonoaudiólogo possa ter acesso às informações do desenvolvimento inicial de linguagem destas crianças e, desta forma, associada às informações da Anamnese e de outras avaliações de linguagem aplicadas por meio de protocolos, possa ser capaz de elaborar um plano terapêutico voltado à atender a necessidade daquela criança o mais precocemente possível.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em consideração os artigos analisados, o Quadro 3 caracteriza a amostra de artigos quanto ao seu tipo de publicação

QUADRO 3. RELAÇÃO TIPO DE ARTIGO E PORCENTAGEM DE ARTIGOS ENCONTRADOS (autor próprio, 2024)

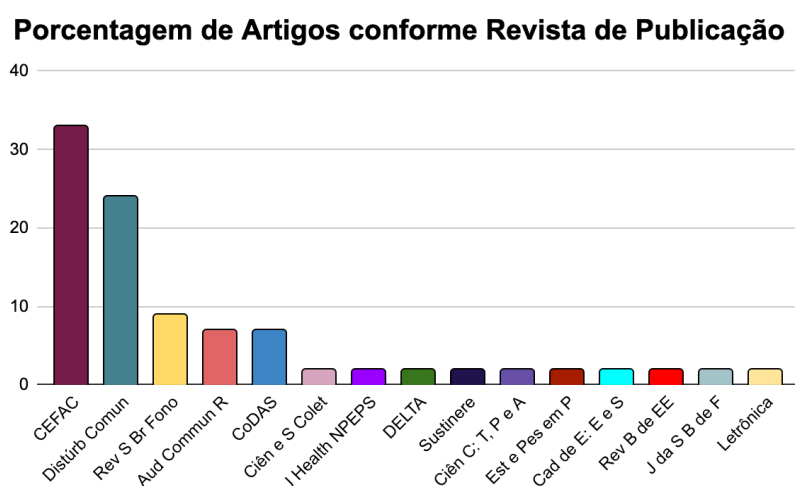
TIPO DE ARTIGO	% DE ARTIGOS	ARTIGOS
Artigo Original	79%	33 artigos
Revisão Sistemática	10%	4 artigos
Artigo de Revisão	2%	1 artigo
Artigo Especial	2%	1 artigo
Comunicação Breve	3,5%	2 artigos
Revisão de Literatura	3,5%	2 artigos

Foi possível observar uma prevalência de 79% de artigos do tipo Artigo Original, sendo que tais artigos são os artigos em que são utilizadas amostras com determinadas populações de acordo com cada estudo e com o tipo de estudo que será realizado, demonstrando assim que, no meio científico, a metodologia de estudos que utilizam uma população como amostra são mais frequentes do que estudos que realizam uma revisão de dados ou uma revisão de literatura, como também evidenciado no quadro acima. Em seguida, foram encontrados mais artigos de revisão sistemática, compondo 10% dos artigos utilizados para pesquisa. A prevalência de comunicação breve e revisão de literatura foi a mesma, representando aproximadamente 3,5% dos artigos encontrados.

Quanto à revista de publicação, levando em consideração as informações contidas no gráfico abaixo, a maior prevalência das revistas de publicação foi a Revista CEFAC (Aproximadamente 33%), seguida pela revista Distúrbios da Comunicação (Aproximadamente 24%) e a Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (Aproximadamente 9%). As revistas Audiology Communication Research e CoDAS tiveram a mesma prevalência (Aproximadamente 7%), bem como as revistas Ciência e Saúde Coletiva, J Health NPEPS, DELTA, Sustinere, Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação, Estudos e Pesquisas em

Psicologia, Caderno de Educação: Ensino e Sociedade, Revista Brasileira de Educação Especial, Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia e Letrônica (Aproximadamente 2%). Os achados estão expressos no gráfico 1 abaixo:

GRÁFICO 1. PORCENTAGEM DE ARTIGOS CONFORME REVISTA DE PUBLICAÇÃO (autor próprio, 2024)



A alta prevalência de artigos encontrados publicados na revista CEFAC, na revista Distúrbios da Comunicação e na Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia demonstra que o assunto referente ao desenvolvimento da linguagem e aspectos relacionados à comunicação humana e linguagem é um assunto predominantemente estudado por fonoaudiólogos, demonstrando a relevância do fonoaudiólogo no estudo da reabilitação da comunicação humana e seus distúrbios. Os estudos publicados nas revistas de Psicologia sobre linguagem, reforçam a importância da atuação multidisciplinar no tratamento e na reabilitação dos distúrbios da comunicação.

A temática abordada nos artigos utilizados para a pesquisa, está descrita no quadro abaixo:

QUADRO 4. RELAÇÃO TEMAS ABORDADOS E PORCENTAGEM DE ARTIGOS ENCONTRADOS (autor próprio, 2024)

TEMA ABORDADO	% DE ARTIGOS	ARTIGOS
Fatores de risco para distúrbios no desenvolvimento da linguagem	16%	5 artigos

Distúrbios de linguagem	16%	5 artigos
Desenvolvimento gestual infantil	13%	4 artigos
Desenvolvimento da brincadeira simbólica	13%	4 artigos
Subsistemas de linguagem	7%	3 artigos
Aquisição de Linguagem	7%	3 artigos
Desenvolvimento Normal da Linguagem Oral	7%	3 artigos
Comunicação humana	7%	3 artigos
Reabilitação e terapia fonoaudiológica na linguagem	7%	3 artigos
Fonoaudiologia e Linguagem	5%	2 artigos
Papel dos pais no desenvolvimento da linguagem	2%	1 artigo

Os dados descritos no quadro acima apontam a alta prevalência de artigos que abordaram a temática dos Fatores de risco para distúrbios no desenvolvimento da linguagem e dos Distúrbios da Linguagem, seguido por artigos que abordaram a temática do Desenvolvimento gestual infantil e do Desenvolvimento da Brincadeira Simbólica, A prevalência de artigos que abordaram a temática de Subsistemas de linguagem, Aquisição de Linguagem, Desenvolvimento Normal da Linguagem Oral, Comunicação humana e Reabilitação e terapia fonoaudiológica na linguagem foi a mesma. A menor prevalência de temáticas abordadas foi acerca da Fonoaudiologia e Linguagem, seguida do Papel dos pais no desenvolvimento da linguagem.

Tais dados demonstram que os fatores de risco para distúrbios no desenvolvimento da linguagem e os distúrbios da linguagem são o tópico mais abordado dentro da Fonoaudiologia, evidenciando a necessidade de conhecimento dos fatores de risco para distúrbios no desenvolvimento da linguagem para que os responsáveis pudessem procurar avaliação/terapia

fonoaudiológica de forma precoce, caso seja necessário. A baixa prevalência de artigos relacionados a Fonoaudiologia e Linguagem e ao papel dos pais no desenvolvimento da linguagem expõe a necessidade de mais pesquisas científicas nessa área, uma vez que é importante estudar a relação dos pais no desenvolvimento de linguagem dos seus filhos, pois a interação entre estes dois binômios contribui de forma significativa para o desenvolvimento da linguagem, uma vez que, de acordo com diversos estudos (citar os estudos), a interação é o principal meio pelo qual uma criança adquire a linguagem, pois se baseia no modelo que será fornecido pelos pais e/ou responsáveis.

Quanto aos artigos que abordam a temática específica do desenvolvimento da aquisição inicial da linguagem e desenvolvimento gestual dos bebês, dos 42 artigos encontrados, foram levados em consideração 15 artigos que abordassem tal temática e os dados da porcentagem de citação de tais temáticas nos artigos encontrados estão expressos no quadro abaixo:

QUADRO 5. PORCENTAGEM DE CITAÇÃO DE LINGUAGEM ORAL E GESTOS INFANTIS NOS ARTIGOS ENCONTRADOS (autor próprio, 2024)

TEMA ABORDADO	% DE ARTIGOS	ARTIGOS
Desenvolvimento da Linguagem	66%	9 artigos
Desenvolvimento gestual infantil	26%	4 artigos
Aquisição de Linguagem	8%	2 artigos

Em relação ao desenvolvimento da linguagem, representado por 66% dos 15 artigos analisados levando-se em consideração os 42 artigos levantados, a maioria dos artigos citam que as primeiras palavras surgem aos 12 meses de idade, destacando sempre os pais como principais contribuintes para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, uma vez que estes representam o primeiro contato da criança com o mundo à sua volta e servem como seus principais modelos linguísticos.

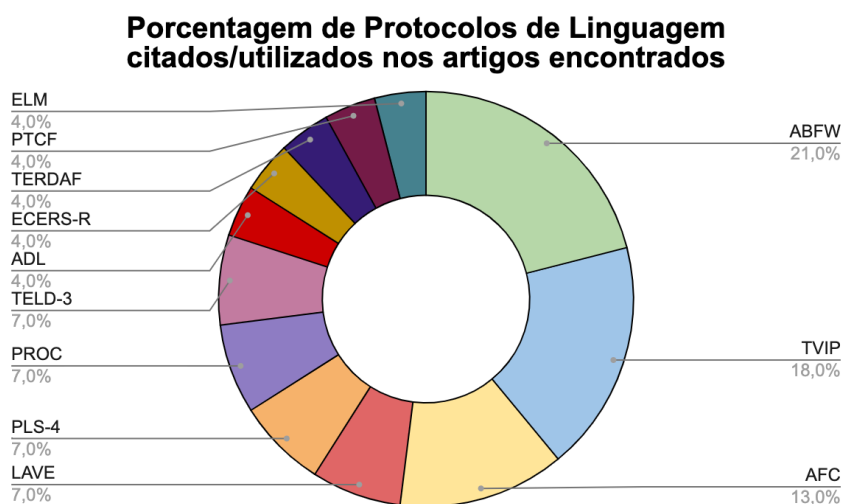
Quanto ao desenvolvimento gestual infantil, todos os artigos citam que os gestos são uma importante forma de comunicação dos bebês durante suas primeiras interações com a mãe, sendo que os gestos dêiticos são os primeiros

a serem adquiridos conforme o desenvolvimento infantil se dá, seguido de gestos que passam a significar e representar simbolicamente os objetos que rodeiam a criança, bem como suas necessidades e estados. Em um dos artigos, os autores citam que os gestos não funcionam somente como uma espécie de elemento de transição entre as ações que são consideradas motoras para a linguagem oral, mas também funcionam como o processo facilitador da produção da fala, evidenciando que o simbolismo é um preditor da aquisição da linguagem oral, sendo este um fator de importante desenvolvimento.

Quanto à aquisição de linguagem, todos os artigos citam a importância da interação social como fator responsável para a aquisição de linguagem, citando os pais como os principais responsáveis por serem os modelos linguísticos das crianças. Um dos artigos cita a aquisição de linguagem a partir da teoria do neurocognitivismo, evidenciando que esta área de estudo tem crescido atualmente.

Os protocolos de linguagem utilizados ou citado na metodologia dos artigos pesquisados, estão descritos no gráfico abaixo:

GRÁFICO 2. PORCENTAGEM DE PROTOCOLOS DE LINGUAGEM CITADOS/UTILIZADOS NOS ARTIGOS ENCONTRADOS (autor próprio, 2024)



Levando em consideração os achados encontrados descritos no gráfico acima, pode-se observar uma alta prevalência de citação/utilização do Protocolo ABFW, seguido pelo Protocolo TVIP e Protocolo AFC.

Os Protocolos LAVE, PLS-4, PROC E TELD-3 tiveram a mesma prevalência e os Protocolos ELM, PTCF, TERDAF e ADL obtiveram a mesma

porcentagem de prevalência, que foi a considerada mais baixa dentre os artigos encontrados.

O Protocolo ABFW é o protocolo de linguagem mais conhecido e utilizado dentro da Fonoaudiologia, uma vez que visa avaliar as diferentes áreas envolvidas no processo de comunicação, sendo estas a Fonologia, o Vocabulário, a Fluência e a Pragmática. Logo, levando este fato em consideração, tal conhecimento entra de acordo com o que é esperado em pesquisas de linguagem, uma vez que estas se concentram na aquisição da faixa etária abrangida por este protocolo: a faixa etária dos 2 aos 12 anos de idade. O Protocolo TVIP visa avaliar o vocabulário receptivo, ou seja, avaliar o nível de compreensão do vocabulário de crianças a partir dos 2 anos e 6 meses até os 18 anos de idade, enquanto o Protocolo AFC tem como objetivo avaliar os aspectos de fonologia da criança, abrangendo a faixa etária a partir dos 2 anos de idade que é quando surgem os primeiros sons da língua. Logo, de modo geral, tais protocolos avaliam habilidades básicas da linguagem em seu processo de aquisição inicial, considerando uma faixa etária em que a criança já é capaz de formar frases e apresenta um bom nível de inteligibilidade de fala.

Os protocolos LAVE, PLS-4 e TELD-3 tem como principal objetivo avaliar as aquisições iniciais de linguagem e o vocabulário expressivo de modo geral, enquanto o Protocolo PROC tem como objetivo avaliar o desenvolvimento das habilidades comunicativas e cognitivas da criança por meio da observação comportamental. Todos os protocolos, por mais que avaliem as aquisições iniciais de linguagem, também são voltados, em sua maioria, para crianças que já se comunicam de forma efetiva, não tendo um enfoque para os fatores acerca deste desenvolvimento inicial e, por mais que o Protocolo PROC avalie aspectos da brincadeira simbólica, não avalia a questão gestual, sendo que ambos os fatores são habilidades que precedem o desenvolvimento da Linguagem Oral.

O Protocolo ELM avalia as questões da aquisição inicial da linguagem mas, como visto pelos achados acima, ainda é pouco utilizado como método de pesquisa científica quando o assunto é a aquisição de linguagem oral e o seu desenvolvimento normal. O Protocolo PTCF avalia questões de consciência fonológica, habilidade esta que, por mais que seja uma habilidade necessária para o desenvolvimento da linguagem oral, impacta mais no desenvolvimento da linguagem escrita, sendo que esta não é o enfoque desta pesquisa. O Protocolo

TERDAF avalia questões de alterações de fala em crianças, não tendo o enfoque necessariamente para alterações de linguagem, uma vez que a fala envolve muito mais o planejamento motor do que habilidades relacionadas aos subsistemas de linguagem. Por fim, o Protocolo ADL avalia tanto o vocabulário expressivo quanto o compreensivo, mas, como dito, não avalia necessariamente quais as habilidades ou comportamentos necessários para aquisição da linguagem, se referindo mais à compreensão ou uso dela.

Logo, pode-se concluir que, por mais que estes protocolos sejam abrangentes com o intuito de avaliar a linguagem e seus subsistemas, com exceção do Protocolo PROC, todos apresentam déficits no quesito de não avaliarem a faixa etária anterior aos 2 anos de idade, demonstrando uma necessidade de existirem protocolos e/ou rastreios que foquem nesse desenvolvimento inicial para que seja possível, de forma precoce, identificar fatores de risco no desenvolvimento da linguagem que podem acarretar em um futuro distúrbio de linguagem.

6. APRESENTAÇÃO DO PROTOCOLO

A partir da análise destes artigos foi elaborado o inventário de rastreio conforme descrito a seguir:

As 3 primeiras páginas (Figuras 2, 3 e 4) são voltadas para a ficha de identificação da criança, onde será perguntado aos pais o nome, data de nascimento, idade, nome e idade da mãe e do pai, endereço e telefone para contato, seguida de uma pequena Anamnese, onde será perguntado aos pais sobre a principal queixa da criança, dados da gestação, amamentação, alimentação, histórico familiar, aspectos relacionados à audição e desenvolvimento motor da criança, além de informações de o que a criança gosta de brincar e tempo de exposição à telas.

FIGURA 2. Ficha de Identificação e Anamnese (autor próprio, 2023)

**PROPOSTA DE INVENTÁRIO DE RASTREIO DO
DESENVOLVIMENTO INICIAL DE LINGUAGEM EM
CRIANÇAS DE 12 A 24 MESES**

IDENTIFICAÇÃO		
Nome:	Data de Nascimento:	Idade:
Escolaridade:		
Endereço:		
Telefone:		
Mãe:	Idade:	
Pai:	Idade:	
Irmãos:		
Encaminhado por:		

QUEIXA: _____

DADOS DA GESTAÇÃO

- **PESO:**
- **Apgar:** 1º minuto - _____ 5º minuto - _____
- **IG:**
- **Dados do Parto:** () NORMAL () CESÁREA
Intercorrências no parto? () SIM – Qual?: _____
() NÃO
- **Intercorrências na gestação?:** _____

- **Uso de medicamentos?:** () SIM – Qual?: _____
() NÃO
- **Internação:** () ALOJAMENTO CONJUNTO () UTI NEONATAL
Tempo de Internação: _____
- **Pré- Natal:** _____
- **Teste da Orelhinha:** () PRESENTE () AUSENTE
- **Teste da Linguinha:** () NORMAL () ALTERADO – Fez cirurgia? () SIM () NÃO

FIGURA 3. Ficha de Identificação e Anamnese (autor próprio, 2023)

AMAMENTAÇÃO E ALIMENTAÇÃO: _____

DESENVOLVIMENTO MOTOR E DA AUDIÇÃO:

- Sentou sem apoio:
- Andou com que idade?:
- Engatinhou antes de andar?: () SIM () NÃO
Com que idade: _____
- Sustentação Cefálica:
- Audição: _____

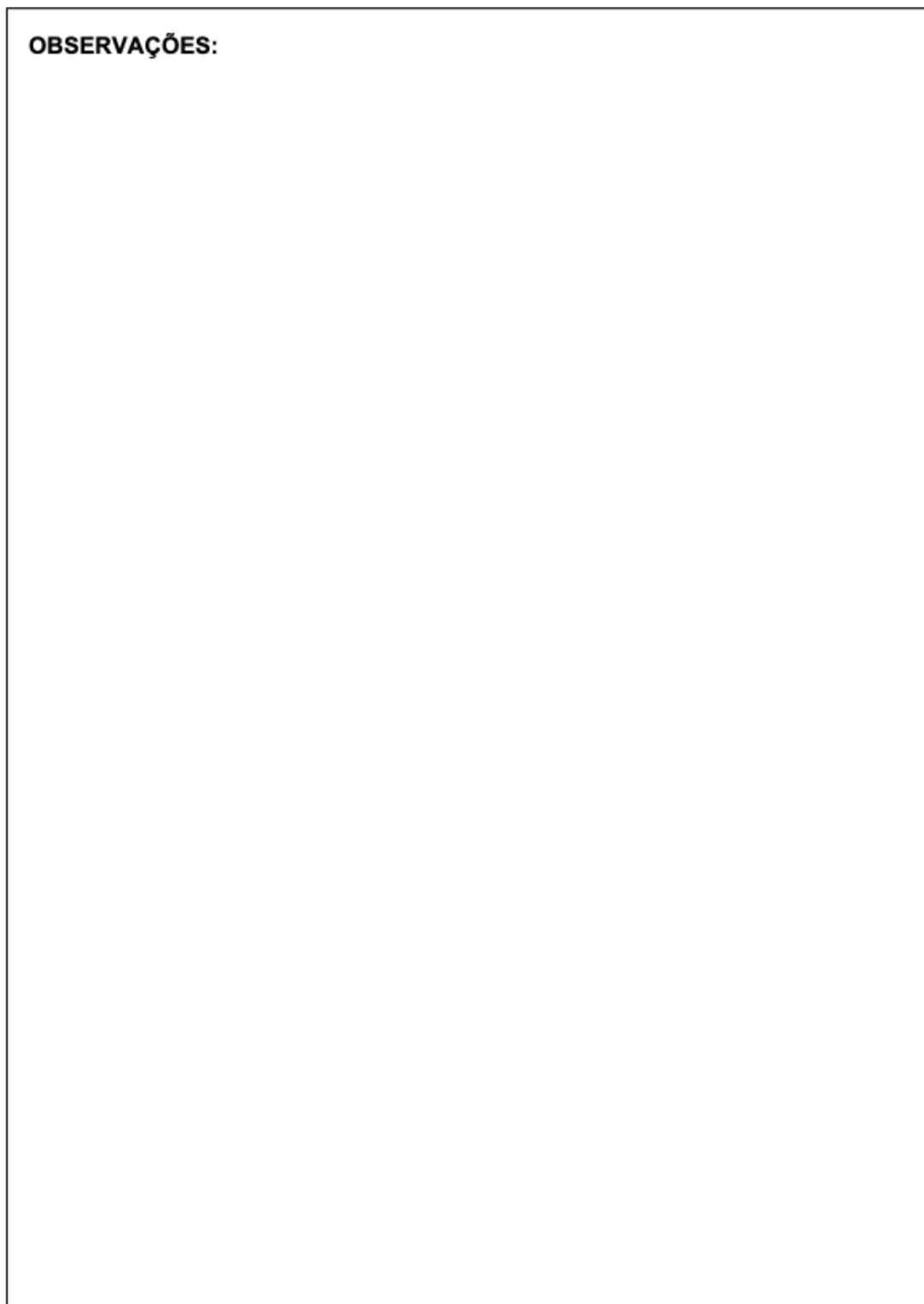
HISTÓRICO FAMILIAR: _____

SAÚDE GERAL: _____

BRINCADEIRAS E TEMPO DE EXPOSIÇÃO Á TELAS: _____

FIGURA 4. Ficha de Identificação e Anamnese (autor próprio, 2023)

OBSERVAÇÕES:

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for handwritten or typed observations. The text 'OBSERVAÇÕES:' is printed in bold at the top left corner of the box.

A quarta página (figura 5) marca o início do inventário de rastreio, onde serão abordadas as aquisições e desenvolvimento da linguagem esperados da

criança de 12 a 15 meses de idade, abordando também comportamentos anteriores a esta faixa etária, ou seja, de 0 a 12 meses.

FIGURA 5. Desenvolvimento da Linguagem de 12 a 15 meses (autor próprio, 2023)

DESENVOLVIMENTO DE 12 A 15 MESES DE IDADE					
Atende quando é chamado pelo nome?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Produziu vocalizações aleatórias?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Imita sons, sílabas ou palavras?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Produziu vocalizações com sílabas (ex: bada)?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Imita sons produzidos por outras pessoas?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Aponta para pedir as coisas?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Usou ou usa gestos sociais?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Utilizou sequência de palavras sem significado?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Entende ordens simples associadas a gestos?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Produz palavras simples (ex: mama, papa, etc)?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Usa palavras isoladas para se comunicar?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Entende situações familiares (ex: papai chegou)?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Imita ações realizadas por outras pessoas?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Fala onomatopeias (ex: au au, bibi, miau, etc)?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Produz 2 palavras com significado?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Aponta para objetos nomeados (ex: cadê o carro)?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÀS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]

A quinta página (figura 6) marca a parte do rastreio onde serão abordadas as aquisições e desenvolvimento da linguagem esperados da criança de 16 a 19 meses de idade.

FIGURA 6. Desenvolvimento da Linguagem de 16 a 19 meses (autor próprio, 2024).

DESENVOLVIMENTO DE 16 A 19 MESES DE IDADE					
Usa enunciados de 2 palavras?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Identifica as partes do corpo?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Refere-se a si mesma pelo seu nome?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Canta espontaneamente?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Acha os objetos a partir de pedidos?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Brinca simbolicamente com miniaturas?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Fala palavras que comecem com o som /b/?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Fala palavras que comecem com o som /m/?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Brinca com rimas?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Pede que ensinem alguma coisa?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Tenta explicar experiências?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Faz uso dos pronomes "eu" e "meu"	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]

A sexta página (figura 7) marca a última parte do rastreio onde serão abordadas as aquisições e desenvolvimento da linguagem esperados da criança de 20 a 24 meses de idade.

FIGURA 7. Desenvolvimento da Linguagem de 20 a 24 meses (autor próprio, 2024).

DESENVOLVIMENTO DE 20 A 24 MESES DE IDADE					
Nomeia objetos do cotidiano?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Produz frases de até 3 elementos?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Utiliza preposições (ex: dentro e sobre)?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Utiliza pronomes, como meu e seu?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Segue instruções envolvendo 2 comandos verbais?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Fala palavras que comecem com o som /p/?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Fala palavras que comecem com o som /t/?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Fala palavras que comecem com o som /d/?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Fala palavras que comecem com o som /n/?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Faz brincadeira simbólica simples (ex: dar comida para a boneca)?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Nomeia partes do corpo?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Usa o não?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Repete as palavras que ouve em conversas?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Entende perguntas simples (ex: onde está a bola)?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Nomeia ações vistas em figuras?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]
Apointa para objetos ou imagens quando nomeia?	[NUNCA]	[RARAMENTE]	[ÁS VEZES]	[QUASE SEMPRE]	[SEMPRE]

Com esta proposta de inventário espera-se que seja possível rastrear de forma prática o desenvolvimento inicial da linguagem das crianças de 12 a 24 meses para que, dessa forma, os pais também possam ter acesso e saber sobre os marcos de desenvolvimento da linguagem esperados nesta faixa etária e, desta forma, saibam identificar algum risco para o atraso e/ou alteração para que a criança possa ser encaminhada à um fonoaudiólogo e que este profissional,

juntando todas essas informações, possa agir e atuar na estimulação da linguagem e das habilidades relacionadas à ela defasadas o mais precocemente possível.

7.CONCLUSÃO

A partir dos artigos avaliados, verificou-se que a avaliação fonoaudiológica é abrangente, mas observa-se a escassez de instrumentos práticos que avaliem e tenham enfoque nas aquisições iniciais de linguagem de crianças de 12 a 24 meses, ainda mais sob a ótica parental.

Deste modo, a proposta de rastreio busca avaliar, a partir da ótica dos pais, se a criança apresenta ou não fatores de risco que podem ocasionar futuramente um distúrbio de linguagem, sendo possível, desta forma a identificação e intervenção precoce destes distúrbios.

8. REFERÊNCIAS

- AGUIAR, B.; CORREIA, W.; CAMPOS, F. Uso da Escala Likert na Análise de Jogos. Arts & Design Track. 2011; p. 1 – 5. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Campos-7/publication/266051378_Uso_da_Escala_Likert_na_Analise_de_Jogos/links/54b1b66e0cf28ebe92e18fdb/Uso-da-Escala-Likert-na-Analise-de-Jogos.pdf.

Acesso em: 02 out 2023

- ALVES, J. M. M. *et.al.* Associação entre desenvolvimento de linguagem e ambiente escolar em crianças da educação infantil. Distúrb Comun, 2017; 29(2): 342 – 353. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/30714/23006>. Acesso em: 25 set 2023

- ALEXANDRE, D. D. S *et.al.* Validação de Cartilha sobre os marcos do desenvolvimento da linguagem na infância. CEFAC, 2020; 22(2): e16219. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/8NPRL5Z8L7XdFxXtHRTphFG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out 2023

- AVENDANO, C. G. *et.al.* Conceito da Comunicação na formação dos fonoaudiólogos no ensino público do Rio Grande do Sul. Rev Sustinere, 2021; 9(1): 354 – 371. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/233063/001133042.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 set 2023

- BARBOZA, L.; VOLPINI, M. N. O Faz de Conta: Simbólico, Representativo ou Imaginário. Cad de Educ: Ens e Soc., 2015; 2(1): 1 – 12. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200208.pdf>. Acesso em: 30 set 2023

- BEFI-LOPES, D. M. Avaliação da Linguagem Infantil. In: LAMÔNICA, D. A. C.; BRITTO, D. B. O. Tratado de Linguagem: Perspectivas Contemporâneas. Ribeirão Preto: Booktoy, 2017. Cap. 8, p. 85 - 90.

- BEFI-LOPES, D.M. Distúrbios do Desenvolvimento da Linguagem Oral. In: DE ANDRADE, C. R. F.; MARCONDES, E. Fonoaudiologia em Pediatria. 1ª ed. São Paulo: Sarvier, 2003. Cap. 6, p. 79 – 88

- BIZUTTI, C. B.; MALDONADE, I. R.; DA SILVA, K. C. B. A Multimodalidade e a Avaliação da aquisição de linguagem em crianças até dois anos de idade. In:

PIMENTEL, B. N. Fundamentos Científicos e Prática Clínica em Fonoaudiologia. 1ª ed. Paraná: Atena, 2021. Cap 1, p. 1 – 16.

- BRITTO, A. T. B. O.; BRITTO, D. B. O. Teorias de Aquisição da Linguagem: Reflexões acerca de diferentes estudos. In: LAMÔNICA, D. A. C.; BRITTO, D. B. O. Tratado de Linguagem: Perspectivas Contemporâneas. Ribeirão Preto: Booktoy, 2017. Cap. 1, p. 19 - 30.

- CAMARGO, J. F. *et.al.* Os gestos na comunicação mãe-bebê: um estudo longitudinal. *Estud Pesqui Psicol.*, 2015; 15(2): 652 – 670. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/17664/13150>. Acesso em: 29 set 2023

- CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. Desenvolvimento Linguístico na criança brasileira de 2 a 6 anos: Tradução e Estandarização do Peabody Picture Vocabulary Test de Dunn & Dunn e da Language Development Survey de Rescorla. *Ciência Cognitiva: Teor., Pesq. e Aplic.* 1997; 1(1): 353 - 380. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/294688126_Desenvolvimento_linguistico_na_crianca_brasileira_dos_dois_aos_seis_anos_Traducao_e_estandardizacao_do_Peabody_Picture_Vocabulary_Test_de_Dunn_Dunn_e_da_Language_Development_Survey_de_Rescorla. Acesso em: 26 out 2023

- CAPOVILLA, F. C. *et.al.* Versão Brasileira do Teste de Vocabulário por Imagens Peabody: dados preliminares. *Distúrb da Comun.*, 1997; 8(2): 151 - 162. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11084/23828>. Acesso em: 26 out 2023.

- CARDOSO, C. *et.al.* Desempenho Sócio-Cognitivo e diferentes situações comunicativas em grupos de crianças com diagnósticos distintos. *J Soc Bras Fonoaudiol.*, 2012; 24(2): 140 – 144. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jsbf/a/9VQPRw9VSHLss6Ysf9KJgbt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set 2023

- CARVALHO, A. J. A.; LEMOS, S. M. A.; GOULART, L. M. H. F. Desenvolvimento da Linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. *CoDAS*, 2016; 28(4): 470 - 479. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/jZkdJvs4nyWLV9tdwFqBW7C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set 2023

- CÍCILIATO, M. N.; ZILOTTI, D. C.; MANDRÁ, P. P. Caracterização das Habilidades Simbólicas de crianças com Síndrome de Down. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.*, 2010; 15(3): 408 – 414. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/ZYMzpXQz4hJGDdJPsjWbbNC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set 2023
- CIRILO, B. D. M. *et.al.* Classificação Internacional de Funcionalidade e transtornos de linguagem: revisão integrativa de literatura. *Distúrb Comun.*, 2021; 33(4): 583 – 595. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/51798/38101>. Acesso em: 02 out 2023
- CHAVES, A. D. D.; MENEZES, D. C.; COELHO, E. C. Desenvolvimento da Audição e da Linguagem nos dois primeiros anos de vida. In: DE QUEIROGA, B. A. M.; GOMES, A. O. C.; DA SILVA, H. J. *Desenvolvimento da Comunicação Humana nos Diferentes Ciclos da Vida*. 1ª ed. São Paulo: Pró-Fono, 2014. Cap 5, p. 43 – 54.
- CONSELHO REGIONAL DE FONOAUDIOLGIA (CREFONO 2). *Fonoaudiologia*. 2022. Disponível em: <https://www.fonosp.org.br/fonoaudiologia>. Acesso em: 08 set 2023.
- CRESTANI, A. H.; DE MORAES, A. B.; DE SOUZA, A. P. R. Análise da Associação entre índices de risco ao desenvolvimento infantil e produção inicial da fala entre 13 e 16 meses. *CEFAC*, 2015; 17(1): 169 – 176. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/xdwWDsBYhjkqyNG3MVGwSBn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set 2023
- CUNHA, M. C. *et.al.* Estudo descritivo sobre instrumentos de avaliação de linguagem oral publicados nos periódicos fonoaudiológicos brasileiros. *Distúrb Comun.*, 2021; 33(2): 195 - 203. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/51161/35383>. Acesso em: 26 out 2023
- DA CRUZ, G. S. *et.al.* Atividades Teatrais: Contribuições para o desenvolvimento da pragmática na linguagem infantil. *Distúrb Comun.*, 2022; 34(3): e51726. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/52912/41053>. Acesso em: 11 set 2023

- DAINEZ, D. *et.al.* Cada criança é uma: Histórias de desenvolvimento e aquisição da linguagem. *Rev Bras Ed. Esp.*, 2022; 28: 301 – 314. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/XSLGTGjw4byBC9yLsc6pbxz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set 2023
- DE LIMA, M. L. L. T.; VILELA, M. B. R.; SILVA, V. L. Novas Perspectivas para a Atuação na saúde da comunicação humana. In: DE QUEIROGA, B. A. M.; GOMES, A. O. C.; DA SILVA, H. J. *Desenvolvimento da Comunicação Humana nos Diferentes Ciclos da Vida*. 1ª ed. São Paulo: Pró-Fono, 2014. Cap 1, p. 3 – 12.
- DE MELO, A. T. S. *et.al.* Protocolos Fonoaudiológicos na história clínica: revisão integrativa. *Audiol Commun Res.*, 2022; 27:e2673. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/PnC8G5D36g4Zjmd3QrWYNLt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set 2023
- DOS SANTOS, J. L. F. D.; MONTILHA, R. D. C. I. Grupos de familiares com indivíduos com alteração de linguagem: o processo de elaboração e aplicação das atividades terapêuticas. *CEFAC*, 2016; 18(1): 184 – 197. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/pywfQ9F6fQY6Rxf4DR7SSXB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 out 2023
- FEIJÓ, A. M.; VICENTE, E. F. R.; PETRI, S. M. O Uso das Escalas Likert nas pesquisas de contabilidade. *RGO*, 2020; 13(1): 27 – 41. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/5112>. Acesso em: 02 out 2023
- FERIGOLLO, J. P.; KESSLER, T. M. Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional: Prática interdisciplinar nos distúrbios da comunicação humana. *CEFAC*, 2017; 19(2): 147 – 158. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/3NXWsWJgjirHRsszwpJsGJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set 2023
- FLABIANO-ALMEIDA, F. C.; LIMONGI, S. C. O. O Papel dos Gestos no desenvolvimento da linguagem oral de crianças com desenvolvimento típico e crianças com síndrome de down. *Rev Soc Bras Fonoaudol.*, 2010; 15(3): 458 – 464. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/6mzHvhwgX7P5q7hJMFLjPZP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set 2023

- FRANÇA, I. J. F. C.; LIMA, I. L. B. Intervenção Fonoaudiológica em crianças com atraso de linguagem. In: LIMA, I. L. B.; ALVES, G. A. S.; DELGADO, I. C. Atualidades em Linguagem e Fala. 1 ed. IESP: Cabedelo; 2018. Cap. 2, p. 23 - 29.
- GARCIA, E. S. M.; MARTINEZ, C. M. S.; FIGUEIREDO, M. O. Interface Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional: integração de saberes científicos de campos de conhecimento. CEFAC, 2020; 22(2): e12719. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/jG8F8dJmKgFxd9PvxMNCMC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 out 2023
- GIACHETI, C. M. Diagnóstico Fonoaudiológico em Genética. In: MARCHESAN, I. Q.; SILVA, H. J.; TOMÉ, M. C. Tratado das Especialidades em Fonoaudiologia. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2014. Cap. 64, p. 951 – 965
- GIACHETI, C. M.; LINDAU, T. A. Diagnóstico Diferencial dos Transtornos da Linguagem Infantil. In: LAMÔNICA, D. A. C.; BRITTO, D. B. O. Tratado de Linguagem: Perspectivas Contemporâneas. Ribeirão Preto: Booktoy, 2017. Cap. 14, p. 155 – 164
- GIUSTI, E.; ASSENÇO, A. M. C. Apraxia de Fala na Infância. In: AZONI, C. A. S.; DE LIRA, J. O. Estratégias e Orientações em Linguagem: Um guia em tempos de COVID-19. São Paulo: SBFa, 2020. Cap. 4, p. 25 – 30
- GONÇALVES, B. R. L. Programa de Acompanhamento a pais na intervenção fonoaudiológica em linguagem infantil. 2012. 203 p. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Universidade de São Paulo, Bauru, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/25/25143/tde-01112012-215711/publico/BiancaRodriguesLopesGoncalves.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.
- GOULART, B. N. G.; CHIARI, B. M. Comunicação Humana e Saúde da Criança: Reflexão sobre promoção da saúde na infância e prevenção de distúrbios fonoaudiológicos. CEFAC, 2012; 14(4): 691 – 696. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/Tnwg9yvBQBtghH4GR3krSPS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set 2023
- GOULART, B. N. G.; OENNING, N. S. X. Aplicabilidade dos estudos de carga de doença nos distúrbios fonoaudiológicos. CEFAC, 2016; 18(3): 778 – 788. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/6kzLn7N6wKQPMJFzwGPNWmq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set 2023.

- GUIMARÃES, A. A. *et al.* A brincadeira simbólica nas situações lúdicas de crianças com necessidades especiais e crianças normais. *Temas Desenvolv.* 2002; 11(62): 5 - 13. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-339615>. Acesso em: 26 out 2023
- GURGEL, L. G.; KAISER, V.; REPPOLD, C. T. A busca de evidências de validade no desenvolvimento de instrumentos em Fonoaudiologia: revisão sistemática. *Audiol Commun Res.*, 2015; 20(4): 371 - 383. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/DxdsnsmWntYCCXgBwtqNJgg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 out 2023
- HAGE, S. R. V.; PINHEIRO, L. A. C. Desenvolvimento Típico de Linguagem e a Importância para a Identificação de suas alterações na infância. In: LAMÔNICA, D. A. C.; BRITTO, D. B. O. *Tratado de Linguagem: Perspectivas Contemporâneas*. Ribeirão Preto: Booktoy, 2017. Cap. 2, p. 31 - 37.
- HAGE, S. R. V.; ZORZI, J. L. *PROC – Protocolo de Observação Comportamental: Avaliação de Linguagem e Aspectos Cognitivos Infantis*. 1ª ed. São Paulo: Pulso, 2004. 94 p.
- HAGUETTE, R. C. B. Linguagem na primeiríssima infância: uma proposta de avaliação clínica fonoaudiológica. In: GIACHETI, C. M. *Avaliação da Fala e da Linguagem: Perspectivas interdisciplinares em Fonoaudiologia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Cap. 13, p. 251 - 272
- KAMINSKI, T. I.; MOTA, H. B.; CIELO, C. A. Vocabulário Expressivo e Consciência Fonológica: Correlações destas variáveis em crianças com desvio fonológico. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*, 2011; 16(2): 174 – 181. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/YS3SGbBM6z4KzhmMfgDJ5ZM/?lang=pt&format=pdf#:~:text=A%20linguagem%20compreende%20cinco%20subsistemas,funcionamento%20dos%20sons%20na%20I%C3%ADngua>. Acesso em: 11 set 2023
- KITAHARA, M. F. O.; FREIRE, R. M. A. C. O Gesto na Clínica Fonoaudiológica: um estudo sob o olhar da análise discursiva materialista. *CEFAC*, 2020; 22(5): e17718. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/KC3fKYgXj8sPDf9jX7KpNpq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set 2023
- LAMÔNICA, D. A. C.; FERREIRA-VASQUES, A. T. Diagnóstico Fonoaudiológico de crianças com Transtorno do Neurodesenvolvimento. In:

GIACHETI, C. M. Avaliação da Fala e da Linguagem: Perspectivas interdisciplinares em Fonoaudiologia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Cap. 10, p. 207 - 222

- LIMA, E. R. S.; CRUZ-SANTOS, A. Aquisição dos gestos na comunicação pré-linguística: uma abordagem teórica. Rev Soc Bras Fonoaudiol., 2012; 17(4): 459 – 501. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/qdrXnTJ7m6YzfwWggM5Y67F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set 2023

- LINDAU, T. A. *et.al.* Instrumentos Sistemáticos e Formais de Avaliação da Linguagem de pré-escolares no Brasil: uma revisão de literatura. CEFAC, 2015; 17(2): 656 - 662. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/6YYrRcXXM38tGS3wDxqcPNb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 out 2023

- MARTINS, A.; FRANCO, E. C.; CALDANA, M. L. Elaboração e Avaliação de um website sobre o desenvolvimento da linguagem infantil: Portal dos bebês – Desenvolvimento da Linguagem. CEFAC, 2015; 17(1): 159 – 168. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/89PsDXbdLgpPxyVz8ns9xmh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set 2023

- MENDES, J. C. P. *et.al.* Fatores Associados a alteração da linguagem em crianças pré-escolares. Rev Soc Bras Fonoaudiol., 2012; 17(2): 177 – 181. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/Kg8Q6jxhK7nFM6LY4kJD5nn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set 2023

- MENEZES, M. L. ADL 2: Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem. Rio de Janeiro: 2019.

- MOUSINHO, R.; ALVES, L. M. Promoção e Prevenção da Linguagem na Infância. In: LAMÔNICA, D. A. C.; BRITTO, D. B. O. Tratado de Linguagem: Perspectivas Contemporâneas. Ribeirão Preto: Booktoy, 2017. Cap. 7, p. 73 - 81.

- NASCIMENTO, C. C. D. S.; BROCCHI, B. S. Desenvolvimento da Linguagem de crianças prematuras extremas ao nascimento: orientação aos pais. CEFAC, 2023; 25(1): e6722. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/4FRf4bsvzbmxzqrLcWhfCxR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 out 2023.

- NOGUEIRA, A. L.; SILVA, K. C. B. Aquisição de linguagem a exceder a fala: gestos de bebês e função interpretativa do cuidador. DELTA, 2022; 1(26): 202238246398. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/nsjJjBmDYd9w3SZ3mSwT6st/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set 2023
- PANES, A. C. S. *et.al.* Fatores de Risco para o Desenvolvimento da Linguagem: atitudes dos profissionais da saúde e educação. J Health NPEPS, 2018; 3(1): 185 – 197. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/2738/2371>. Acesso em: 30 set 2023
- PAPALIA, D. E; FELDMAN R. D. Teoria e Pesquisa. In: PAPALIA, D. E; FELDMAN R. D. Desenvolvimento Humano. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. Cap. 2, p. 55 – 82
- PEDRUZZI, C. M.; ALMEIDDA, C. H. A. O Jogo Simbólico na intervenção fonoaudiológica de crianças com transtorno do espectro autístico. Distúrb Comun., 2018; 30(2): 242 – 251. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/34007/25733>. Acesso em: 30 set 2023
- PEDOTT, P. R.; CÁCERES-ASSENÇO, A. M.; BEFI-LOPES, D. M. Habilidades de aliteração e rima em crianças com distúrbio específico de linguagem. CoDAS, 2017; 29(2): e20160017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/RJ56fkcyjXSkvmDb7PTZ9hwn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 out 2023
- PERISSINOTO, J; AVILA, C. R. B. Avaliação e Diagnóstico das Linguagens Oral e Escrita. In: MARCHESAN, I. Q.; SILVA, H. J.; TOMÉ, M. C. Tratado das Especialidades em Fonoaudiologia. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2014. Cap. 73, p. 1050 – 1059
- PUYUELO, M. Comunicação e Linguagem: Desenvolvimento Normal e Alterações no decorrer do ciclo vital. In: PUYUELO, M.; RONDAL, J. A. Manual do Desenvolvimento e Alterações da linguagem na criança e no adulto. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2007. Cap. 2, p. 87 - 120
- RONDAL, J. A. *et.al.* Desenvolvimento da Linguagem Oral. In: PUYUELO, M.; RONDAL, J. A. Manual do Desenvolvimento e Alterações da linguagem na criança e no adulto. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2007. Cap. 1, p. 17 - 86

- SAVOLDI, A. *et.al.* Avaliação de aspectos pragmáticos em crianças com desvios fonológicos. CEFAC, 2014; 16(4): 1142 – 1150. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/kxw9kHhBCs5CVDkvP8dR35F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set 2023
- SERGEN, L.; FERNANDES, F. D. M. Caracterização de um serviço de referência no atendimento fonoaudiológico a indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo. *Audiol Commun Res.*, 2019; 24: e2176. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/6mdkWnR9H8rXtT7MnMsRmVM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 out 2023
- SILVA, G. M. D.; COUTO, M. I. V.; MOLINI-AVEJONAS, D. R. Identificação dos fatores de risco em crianças com alteração fonoaudiológica: estudo piloto. *CoDAS*, 2013; 25(5): 456 – 462. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/sGTRkFKsGCC8xKqrkWtKC3C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 set 2023
- SILVA, L. C.; LAMÔNICA, D. A. C.; HAGE, S. R. V. Instrumentos avaliativos de linguagem e fala para crianças traduzidos e adaptados para a língua portuguesa do Brasil: uma revisão integrativa da literatura. CEFAC, 2021; 23(2): e12520. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/v5mTp5NqKGtsCpkGXXgwwDh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 out 2023
- SOUZA, V. C.; DOURADO, J. S.; LEMOS, S. M. A. Fonologia, Processamento Auditivo e Educação Infantil: Influências ambientais em crianças de 4 anos a 4 anos e 11 meses. CEFAC, 2015; 17(2): 512 – 520. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/cZjczVWwW54cZpKkMyjDPLy/?format=pdf>. Acesso em: 11 set 2023
- TRENTINI, J. Teorias da Aquisição da Linguagem. In: TRENTINI, J. *Aprendendo a Falar*. 1ª ed. São Paulo: Much. 2018. Cap 7, p. 89 – 105
- TRENTINI, J. Quando levar ao Fonoaudiólogo. In: TRENTINI, J. *Aprendendo a Falar*. 1ª ed. São Paulo: Much. 2018. Cap 9, p. 111 – 149
- ZERBETO, A. B.; BATISTA, C. G. Abordagem grupal para avaliação de alterações de linguagem em crianças pequenas. *Ciên e Saúd Col.*, 2016; 21(1): 203 – 212. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/RPyQqYQ4FVX598sMq8btNLx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 out 2023

- ZORZI, J. L. A Intervenção Fonoaudiológica nas Alterações da Linguagem Infantil. 2ª ed. São Paulo: Revinter, 2022. P. 1 – 154
- ZORZI, J. L. Distúrbios de Linguagem em Crianças Pequenas: Considerações sobre o desenvolvimento, avaliação e terapia de linguagem. In: FILHO, O. L. Tratado de Fonoaudiologia. 1ª ed. São Paulo: Roca. 1997. Cap. 39, p. 887 - 924